Entre Memórias, Histórias e Reflexões

revisitar um percurso de vida
dedicado a Luiza Andaluz

Eunice R. Lopes & José Casimiro Pereira &
Mafalda Leitão & Isabel Bernardo

FICHA TÉCNICA

Entre Memórias, Histórias e Reflexões:
revisitar um percurso de vida dedicado a Luiza Andaluz

Autores: Eunice R. Lopes & José Casimiro Pereira & Mafalda Leitão & Isabel Bernardo
Edição: Instituto Politécnico de Tomar
Design Editorial: Beatriz Gomes, IPT, Mestrado em Design Editorial

ISBN: 978-989-8840-67-7
©março de 2022, IPT, Tomar (Portugal)

APOIOS:

ipt Instituto Politécnico de Tomar
Ci2.ipt Centro de Investigação em Cidades Inteligentes
Techn & Art CENTRO DE TECNOLOGIA, RESTAURO E VALORIZAÇÃO DAS ARTES
SNSF Servas de Nossa Senhora de Fátima
Luiza Andaluz CENTRO DE CONHECIMENTO

Prefácio

Escrever este Prefácio representa para mim, antes de qualquer outra coisa, um agradecimento. Às Irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima que me convidaram para tal fazer, na pessoa da Irmã Mafalda Leitão, Conselheira Geral e responsável pelo audacioso projeto *Luiza Andaluz Centro de Conhecimento*, no qual se insere o livro; aos colegas docentes, Eunice Ramos Lopes e José Casimiro Pereira, do Instituto Politécnico de Tomar, que aceitaram o desafio e proporcionaram aos estudantes o enquadramento científico; aos alunos que levaram a cabo o que terá sido, para eles, um tão interessante quanto exigente projeto; e, em especial, às queridas Irmãs "velhinhas" cujos depoimentos li com um sentimento de enorme admiração: Irmãs Maria Mónica, Maria Teresa, Vitória, Maria da Assunção, Maria do Céu, Maria Adelaide.

Este sentimento estende-se a várias esferas da minha atividade. Desde logo, quanto à formação de origem: como historiadora dedicada sobretudo à época medieval, experimentei, ao ler as entrevistas, como que um vislumbre sobre mentes de gentes do passado, em particular gentes de fé.

Não porque os depoimentos das Irmãs tenham traços de arcaísmo; mas sim porque se inscrevem num contínuo milenar da relação entre os seres humanos e o divino, aqui vazado no modelo religioso do Cristianismo, em especial o que se implantou nas sociedades ocidentais entre os séculos XII a XV. Um mundo de enorme vitalidade religiosa dos leigos e dos religiosos que optavam por vidas consagradas vividas em contacto estreito com aqueles; em que a afetividade marcou a relação com o divino; e em que, muito especialmente, as mulheres assumiram um notável protagonismo nas esferas eclesiástica e religiosa, destacando-se grandes líderes e comunidades fortemente unidas em torno delas, reunindo desde as mais humildes religiosas

até mulheres que rivalizavam em sabedoria e erudição com os mestres masculinos, mesmo se estes tinham ciosamente reservado para si o privilégio da educação formal.
O que conhecemos deste mundo é porém apenas uma pequena parte do que ele terá sido... As fontes históricas escasseiam e são de resto esmagadoramente produzidas por homens ou por eles controladas. Assim, a leitura dos depoimentos das Irmãs permite de algum modo – e com os devidos cuidados metodológicos, decerto – penetrar de modo mais profundo nesse mundo. Alguns traços são especialmente notáveis pela similitude – a naturalidade com que se aceita e relata a intervenção permanente do sobrenatural nas vidas das religiosas; a iniciativa, a audácia e a coragem que estas mulheres revelam, em múltiplas ocasiões mas sobretudo quando se trata de ajudar o próximo; a forma como a Fundadora as marca e acompanha sempre; a devoção afetiva; a vida religiosa como um apelo, que muitas sentem desde novas e aceitam com alegria. Lendo os textos, podemos completar esse cenário fragmentado que encontramos séculos atrás, e compreendê-lo melhor. E podemos também carrear contributos do conhecimento do passado para "ler" as Irmãs do presente e perceber como os fundamentos da sua fé e da sua ação são uma "renovação da tradição", afinal o sentido, a força (e talvez a condição de salvação) da Igreja.

Se o livro é importante para medievalistas, ele não será menos para os especialistas em História contemporânea.
Os depoimentos são aí preciosos a muitos títulos: para além da história eclesiástica e religiosa, eles permitem documentar a história da sociedade portuguesa do século XX, em múltiplos aspectos. Entre outros, as relações familiares, a educação dos jovens (em especial raparigas), a importância nas localidades da província das Congregações, o

impressionante (e desgastante) trabalho nas missões, etc., etc.. E testemunham centralmente sobre algo de grande atualidade: a história das mulheres, neste caso mulheres religiosas "em direto". Dão-nos assim a conhecer um conjunto de figuras femininas que, vindas de diversos meios e alcançando diversas formações, foram, cada uma a seu modo, protagonistas, líderes, pessoas que marcaram o mundo em que se moveram. Este aspecto nem sempre é tido em conta na historiografia de caráter mais profissional, dada a escassez de fontes acessíveis ao exterior das Ordens e Congregações; e é muitas vezes interpretado de forma excessivamente piedosa nas histórias "internas", que assim deixam de defender de forma cabal a extraordinária capacidade de ação e liderança das mulheres na Igreja, que tarda em ganhar reconhecimento formal por parte da instituição, é-me forçoso dizê-lo, como cientista social e historiadora, quanto mais não seja.

O livro abre também pistas para quem se interesse por antropologia e por registo e interpretação de património oral/imaterial. A recolha dos depoimentos segue os protocolos científicos, o que credibiliza todo o trabalho, possibilitando que se conheça, para além dos conteúdos, claro, quem proferiu os depoimentos, em que condições, com que objetivos, e por quem foram recolhidos. Num mundo de informação pouco fundamentada e mesmo errónea, os cuidados postos nestas tarefas nunca serão demasiado louvados. Os depoimentos e as suas autoras ficam salvaguardadas e é possível usar a informação com fiabilidade.

Já como arquivista, vejo este livro como uma preciosidade, tanto mais grata quanto, nesse percurso profissional e académico, o contacto com o Arquivo da Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima foi um marco muito importante e pessoalmente gratificante. Aqui, mesmo se construindo

um “arquivo oral”, continua-se o espírito que levou a conservar o “arquivo de papel” – testemunhar, conservar a memória, transmitir o carisma e o exemplo. É uma tradição que encontramos consagrada nas ordens religiosas desde os primórdios destas, e que revestia os documentos conservados de um caráter sacral. Como descritos pelos cronistas dominicanos, em textos destinados a regulamentar a recolha de vidas exemplares nos conventos, esses testemunhos eram a prova e a lembrança das ações de gente que tinha querido ser santa e, como tal, pequenos pedaços entretecidos na grande narrativa que começava nos Evangelhos. De um modo mais lato, a recolha e arquivagem de testemunhos orais permite um enriquecimento dos arquivos: passa a conservar-se uma visão alargada da vida das instituições, das sociedades, das pessoas.

Por fim, como professora universitária, não posso deixar de louvar a coragem dos meus colegas docentes em se aliarem a um projeto destes, bem como a abertura da Congregação ao mundo das universidades laicas, onde há um grande interesse por estas temáticas, mas nem sempre a capacidade de nelas entrar. Como referi acima, os docentes responsáveis pelo projeto imprimiram-lhe garantia de qualidade científica, e a Congregação demonstrou uma antevisão notável, que se alarga ao projeto «Luiza Andaluz Centro de Conhecimento». Para os alunos – referidos em último lugar, mas que estão sempre em primeiro, em qualquer projeto educativo sério e dedicado, como este foi – deixo uma última nota. Empenho, simpatia, espontaneidade, vontade de aprender, empatia: eis o que ressalta das suas perguntas e comentários, e muito em especial desses também preciosos comentários que deixam sobre a experiência, outro elemento de pioneirismo do livro. Percebe-se bem que os depoimentos das Irmãs os tocaram muito, e de forma positiva, no

que é afinal um testemunho
da capacidade performativa
daqueles – a faculdade, de que
a sua natureza os dota, para
“agitar”, melhorando, a vida
do próximo.

Maria de Lurdes Rosa[1]

1 Docente no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 1996. Dedica-se, em especial, à História medieval e Arquivística. É coordenadora do Instituto de Estudos Medievais e coordenadora de diversos projetos arquivísticos.

Índice

1. Apresentação do Projeto

2. Luiza Andaluz

2.1. Notas biográficas e históricas

2.2. Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima

3. Antropologia Cultural no Contexto da Memória e História

Experiências vivenciadada e partilhadas

4. Entrevistas a Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima

Biografias e Entrevistas

5. Testemunhos dos estudantes

1. Apresentação do Projeto

O ebook *Entre Memórias, Histórias e Reflexões: revisitar um percurso de vida dedicado a Luiza Andaluz* é o resultado de um desafio que surge da parceria, entre o Instituto Politécnico de Tomar e a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

Um dos principais objetivos desta parceria é promover o lançamento de ideias, sua reflexão e consequente desenvolvimento e implementação de projetos concretos, num espírito de colaboração e co-criação, onde se pretende que o resultado final dos projetos seja uma verdadeira experiência win-win (situação vantajosas para os vários envolvidos).

Na sequência do mútuo desafio lançado, em reunião de trabalho havida no dia 25 de setembro de 2020, nasceu a ideia de se entrevistarem algumas Irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima mais idosas, que pudessem dar testemunho vivo das experiências e vivencias que tiveram o privilégio de viver diretamente com Luiza Andaluz.

Este projeto foi desenvolvido no curso de licenciatura de Turismo e Gestão do Património Cultural da Escola Superior de Gestão de Tomar, na unidade curricular de Antropologia Cultural no ano letivo 2020/2021. De referir que o trabalho de campo se desenrolou em pleno contexto pandémico, tendo sido utilizados meios digitais para a realização das entrevistas online (aceite com grande naturalidade quer por parte dos alunos, quer por parte das entrevistadas).

Na sequência da quantidade e relevância de material recolhido, sentiu-se a necessidade de registar este conhecimento de forma organizada e apelativa, para poder ser divulgado publicamente.

Identidade do Projeto Luiza Andaluz Centro de Conhecimento

É neste cenário que nasce este ebook, que não só é um exemplo concreto de produção e divulgação de conhecimento desenvolvido em contexto de co-criação com a sociedade, como se torna num instrumento significativo de manifestação dos objetivos do projeto Luiza Andaluz Centro de Conhecimento (cuja marca foi lançada no passado dia 12 de fevereiro de 2021), através do qual a Congregação das SNSF pretende:

1. Ser um espaço de referência (físico e digital), contemporâneo e de vanguarda onde pessoas inquietas e buscadoras da verdade encontram o rosto de Deus e o expressam em novas linguagens.

2. Ter uma ação transformadora e com impacto na vida contemporânea e multifacetada da sociedade.

“

Passar fazendo o bem à imitação do Mestre Divino, tornar felizes os que nos rodeiam, que doce programa de vida!

Luiza Andaluz
(Andaluz, 2021, p.40)

2. Luiza Andaluz

2.1. Notas biográficas e históricas

A 18 de Dezembro de 2017, o Papa Francisco reconhece as Virtudes Heroicas de Luiza Andaluz, fundadora da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, estando assim concretizado o primeiro passo que poderá levar à sua canonização (reconhecimento de santidade). Este reconhecimento Papal junta-se a outros reconhecimentos públicos de autoridades civis e eclesiais, onde se destaca a atribuição da medalha de ouro da cidade de Santarém a 28 de abril de 1966 e o grau de Comendador da Ordem de Benemerência, a 1 de março de 1930. São distinções que reconhecem o seu espírito proactivo e empreendedor, bem como a sua capacidade de liderança inconfundível que, alicerçadas numa sólida fé e confiança em Deus, fundamentam a vida de Luiza no serviço do bem comum, centrado na dignidade da pessoa humana.

Na transição do séc. XIX para o séc. XX, Portugal ainda não tinha despertado para o papel importante da mulher na vida pública e vive um ambiente de

Luiza Andaluz

intensa luta política, perseguição religiosa, pobreza social e nível precário de ensino.
É neste contexto que nasce, em Santarém, Luiza Maria do Vadre Santa Marta Mesquita e Melo (Andaluz) a 12 de fevereiro de 1877.

Depois de uma longa vida que lhe permitiu experienciar 3 regimes políticos, conhecer 7 Papas, e viver a pandemia de 1918, Luiza morre em Lisboa a 20 de agosto de 1973, aos 96 anos.

O seu pai, António, Visconde de Andaluz, era Governador Civil de Santarém. Político ativo e católico praticante, em sua casa fazem-se reuniões partidárias e recebem-se os mais ilustres convidados. A mãe, Ana, de naturalidade americana, proporciona-lhe o acesso a livros e revistas, e um ensino variado, que inclui diversas línguas, música e artes, com professoras particulares.

Este ambiente familiar, culto e de alta sociedade, com férias em Cascais, desportos náuticos e bailes requintados, proporciona-lhe uma vida social distinta. Luiza, simultaneamente, vai orientando a sua preferência para causas de apoio social. Mesmo quando está de férias em Cascais, acompanha as amigas em visitas aos pobres e desenvolve ações de apostolado.

Disso dá testemunho nas suas memórias, “Quando as minhas irmãs combinavam ir para as partidas de ténis, eu (...) gostava sobretudo de me ligar com a Mafalda ou a Teresa de Mello, filhas dos Marqueses de Sabugosa, a visitar uns pobrezinhos(...). Com o exemplo dela [Teresa] me veio a ideia de começar a pintar objetos. Arranjei assim muito dinheiro para a escola das Capuchas. Também comecei a vender de porta em porta os trabalhos de malha feitos em Santarém [pelas alunas da escola das Capuchas] (...) e também elas tomavam sobre si a venda deles em sítios frequentados por pessoas de dinheiro que os apreciavam: hotéis, estâncias de repouso ou de águas, praias, etc. Em Santarém andavam as próprias alunas a vender.” (Andaluz, 2020, p.39)

Ainda em criança, com apenas 14 anos, o Cardeal Neto (Patriarca de Lisboa) numa visita a seus pais, solicita-lhe que colabore com uma escola para crianças pobres e abandonadas, construída no Convento das Capuchas, em Santarém.

É o início de um intenso trabalho social e educativo em resposta às necessidades dos mais desfavorecidos, que Luiza irá continuar a desenvolver ao longo de toda a sua vida, em moldes educativos que continuam de grande atualidade.

Focada no seu trabalho social e educativo, em Santarém, a sua vocação vai-se revelando progressivamente. Deseja, em 1915, com 38 anos, entrar no Carmelo e dedicar-se à vida contemplativa, a exemplo da irmã mais velha (Eugénia). Mas, alguns anos mais tarde, numa das visitas a sua irmã, acaba por sentir vivamente que Deus a chama, antes, a fundar uma congregação religiosa, como forma de organizar todo o trabalho social a que se dedica. Daí em diante irá dedicar-se à criação do que é hoje a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Assim, em outubro de 1923, Luiza tem já 46 anos quando funda um Colégio e inicia a primeira comunidade, na casa que era dos seus pais, em Santarém, dando início à Congregação.

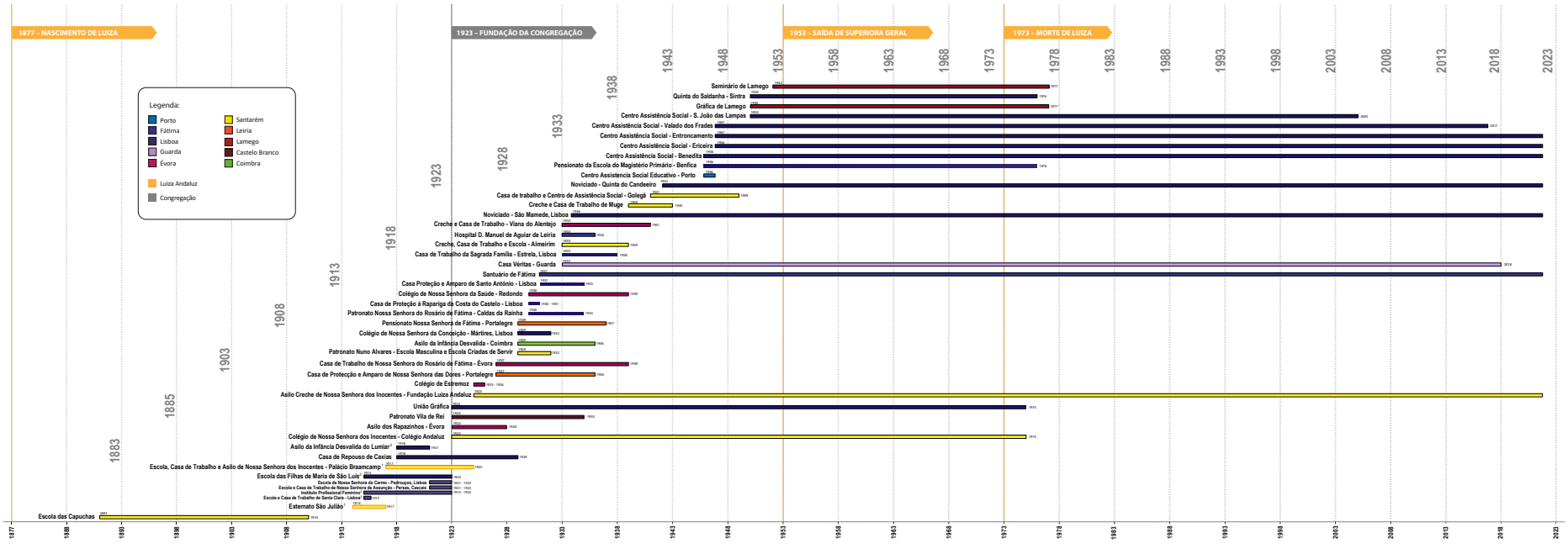
Luiza Andaluz desenvolve a sua ação num contexto histórico difícil, de oposição ao catolicismo. Como uma empreendedora, concebe formas legais alternativas de associação, sem fazer referência à questão religiosa, e cria associações de irmãs, de homens e de mulheres do seu círculo de amigos e familiares, como a "Sociedade Promotora dos Institutos Sociais" entre outras.

Desta forma, funda e tutela diversas instituições que se mantêm até à assinatura da Concordata, em 1940, e possibilitam um serviço socioeducativo que contempla a formação religiosa, dentro das condições neutras vigentes e respeitando a formação que cada educando recebe da sua família.

Durante toda a sua vida, Luiza desenvolve uma atividade constante de abertura de novas casas e instituições em diversos locais do país. Organiza-as em formatos inovadores, com estratégias de gestão que hoje são comuns, como o *benchmarking* ou a organização em rede.

Visita-as frequentemente, ao longo do ano, para as organizar e resolver problemas, o que a obriga a deslocar-se permanentemente e a viajar.

Luiza Andaluz viveu numa época em que a mulher raramente assumia protagonismo público. Num contexto profundamente masculino nunca desiste de se afirmar em igualdade sempre que se trata de defender os interesses das pessoas. Entre essas pessoas estão, especialmente, as jovens mulheres a quem sustenta e promove, através das suas variadíssimas obras de assistência e educação (ver imagem do gráfico, se desejar, pode ampliar a página para melhor visualização...), em que algumas delas ainda chegaram à atualidade.



Em toda a sua vida, através do *empowerment* feminino no desenvolvimento de projetos educativos, sociais e eclesiais, Luiza Andaluz é um modelo inspirador.

> **“**
>
> **Podeis rir, brincar, divertir-vos por muitas formas, é bem natural e lícito até que o façais. Sede, sim, raparigas do vosso tempo, alegres, desembaraçadas, ativas, empreendedoras, mais independentes – eu concordo – do que o foram as vossas avós, porque os tempos vão mudando e de algum modo temos que acompanhar a sua evolução, mas sabei ser raparigas do vosso tempo, no bom sentido.**
>
> discurso às alunas do Colégio Andaluz
> (Andaluz, s.d)

Em 1953, aos 76 anos, Luiza Andaluz decide deixar o cargo de Superiora Geral. O governo da Congregação passa para a Irmã Louise Groëtz.
No entanto, Luiza, continuará em atividade por mais 20 anos. Faz uso da sua cultura e extensos conhecimentos de línguas e passa a colaborar com o Centro de Informações e Acolhimento do Santuário de Fátima.
Na Casa de S.Mamede, em Lisboa, atende pessoas que lhe solicitam apoio social e espiritual. É ainda durante este período que se dedica a organizar os apontamentos de toda uma vida e a escrever a História da Congregação, que constitui hoje um documento único e de grande importância.
No último ano de vida, já com 95 anos, ainda abençoa o primeiro grupo de irmãs que parte para Moçambique.

2.2. Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima

A vida de Luiza Andaluz está estritamente ligada à fundação e vida da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Após a entrada de sua irmã Eugénia para Carmelita, em Espanha, no ano de 1915, Luiza tem uma experiência mística muito intensa e pede para ser aceite no Carmelo. Porém, é aconselhada a esperar e a ajudar na Obra das Escolas das Filhas de Maria, em Portugal. Renova aquele pedido durante sete anos, durante as suas visitas anuais à irmã, e em setembro de 1922 sente de novo um chamamento muito forte, no Carmelo, mas desta vez para fundar uma Congregação. Daí em diante esse será o seu objetivo de vida que orientará todas as suas ações.

De regresso a Portugal, Luiza, com extraordinária perseverança, dá os passos necessários para a fundação do que viria a ser a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. A 17 de abril de 1923 recebe finalmente a autorização oficial, através do Arcebispo de Évora, para iniciar a Congregação. Contacta várias senhoras e a 13 de maio desse ano, um grupo inicial de 13 senhoras dirige-se à Cova da Iria, para consagrar a Congregação nascente à maternal proteção da Virgem Maria.

Voltam a Santarém para fazerem um retiro e dedicarem-se às tarefas necessárias para abrir o colégio. No início com o nome de Nossa Senhora dos Inocentes e mais tarde Colégio Andaluz.
O colégio será fundado no palacete dos Viscondes de Andaluz.
Foi escolhido o dia 15 de outubro, em honra de Santa Teresa de Jesus. Este projeto constituiu a primeira razão de ser deste grupo de senhoras, num tempo de não aprovação civil das ordens religiosas.

Simultaneamente, desde junho, já um pequeno grupo de futuras servas se encontrava a trabalhar na empresa União Gráfica, em Lisboa. Concentraram-se especialmente no lançamento do Jornal Novidades, um diário de defesa dos ideais católicos. A União Gráfica foi criada em 1923 “como condição de viabilidade de um grande diário católico, financeira e doutrinalmente independente” e a Congregação desenvolve aqui uma intensa atividade durante cerca de 60 anos. O trabalho na União Gráfica é um exemplo da concretização do conceito de apostolado social, que preconiza o pensamento eclesial daquela época.

Em Portugal, este ideal é desenvolvido pela Ação Católica. O Cardeal Cerejeira vê na Ação Católica, bem como na atividade dos religiosos e religiosas, uma colaboração nas atividades apostólicas e pastorais e nas paróquias. Também tenta concretizar este ideal na Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Luiza Andaluz, como fundadora, prudentemente procura discernir se esse é o caminho que a Congregação deve percorrer, e o qual se sente chamada a viver. Em carta ao Cardeal Cerejeira, em finais de 1932, afirma,

> **“**
>
> **eu julgo que só corresponderei à (minha) missão, (...) preparando elementos para auxiliar eficazmente a Igreja e o clero, no apostolado social.**

Andaluz, 2020, p.156

As primeiras colaboradoras vão-se associando também às obras que Luiza já desenvolvia antes de fundar a congregação, como é exemplo o Instituto de Nossa Senhora dos Inocentes. Este Instituto nasceu no edifício do Convento das Capuchas (local da primeira missão de Luiza) para acolher e educar as raparigas desfavorecidas e as raparigas órfãs na sequência da "epidemia pneumónica" que Luiza tinha recolhido, e que se encontravam noutros espaços da cidade de Santarém. O antigo Convento das Capuchas, laicizado em 1910 com a implantação da República e a expulsão das religiosas Capuchas, foi adquirido por Luiza Andaluz, em hasta pública, a 17 de fevereiro de 1924. Nos dias de hoje, no mesmo edifício, funciona a Fundação Luiza Andaluz com o mesmo propósito social.

Casa Madre Luiza Andaluz, Santarém

Para Luiza, não basta ter conhecimentos, é necessário ser-se actor social de pleno direito e saber tomar opções. Desenvolve assim uma pedagogia que se funda no conceito de “educação integral”, que guia o trabalho de todas as instituições por si fundadas, cujo horizonte é a formação da pessoa no seu todo, como construtora de uma sociedade em benefício de todos. Esta pedagogia mantém-se hoje presente na ação da congregação e, em especial, nas instituições educativas que gere.

O tempo de fundação da congregação estende-se por alguns anos, e só a 11 de outubro de 1939 se dá a aprovação canónica. Nesta data, 25 Irmãs fazem os seus primeiros votos, entre as quais Luiza, e tornam-se efetivamente Irmãs. Luiza tinha 62 anos e escreve acerca desse dia:

> **“**
>
> **chegámos enfim ao feliz dia da nossa doação a Deus, doação pela qual há mais de 20 anos eu ardentemente suspirava. Estavam vencidas as últimas dificuldades – e elas foram tantas, tantas, nestes anos seguidos, em que dia a dia procurei sempre vencê-las com nunca desmentida confiança, naquele que tudo pode...!**
> **É certo, porém, que as consolações recebidas excediam sempre em muito os meus trabalhos e esforços, essas foram também tantas, tão extraordinárias, tão imerecidas!...**

Andaluz, 2020, p.171

Luiza manteve-se como Superiora Geral até ao II Capítulo Geral da Congregação, altura em que é eleita a Irmã Louise Maria Groëtz. A Congregação vai-se estabilizando com diferentes comunidades em Portugal e, em 1972, meses antes da morte de Luiza Andaluz, abre a primeira comunidade na Diocese de Nampula, Moçambique. Desde então, a expansão da Congregação foi amadurecendo e encontra-se, a esta data, em 7 países (Angola, Bélgica, Brasil, Guiné-Bissau, Luxemburgo, Moçambique e Portugal).

Ao longo do tempo, a missão e organização da congregação foi-se adaptando de modo a poder responder mais eficazmente aos desafios que a sociedade coloca. Contudo, o ideal de base mantém-se desde a primeira hora como marca identitária da sua presença: Anunciar Jesus Cristo, em comunhão de Igreja, no serviço da sociedade contemporânea; Empenhar-se na promoção da dignidade da pessoa, de modo especial, através da educação integral, contribuindo para a construção da fraternidade universal.

Casa de São Mamede, Lisboa

Na atualidade, a **Congregação** conta com 152 membros, de diferentes nacionalidades, que vivem a sua missão em comunidades, inseridas no tecido urbano ou rural, partilhando a vida dos homens e mulheres de cada local onde se encontram, numa atitude de serviço ao jeito de Maria, mãe da Igreja. A ação local das comunidades é desenvolvida e potenciada com recurso a múltiplos projetos, parceiros e colaboradores.

Em 2023, comemora-se o centenário da fundação da Congregação. Com o propósito de contínua atualização da sua missão no mundo contemporâneo, e renovação dos seus membros, está a ser desenvolvido o **Luiza Andaluz Centro de Conhecimento**. Coincidentemente, nesse ano, realiza-se a Jornada Mundial da Juventude, sendo Lisboa e Santarém dioceses de acolhimento da Jornada – locais por excelência de Luiza Andaluz e da Congregação por ela fundada – perspetivando-se, desde já, a participação empenhada da Congregação.

Para mais informações visite:

CONGREGAÇÃO

LUIZA ANDALUZ CENTRO DE CONHECIMENTO

3. Antropologia Cultural no Contexto da Memória e História

Experiências Vivenciadas e Partilhadas

A memória e história oral são sempre uma dialética que envolve uma experiência individual e coletiva. Nesta dialética, ressalta-se a sua contribuição para o registo de acontecimentos, vivências, conhecimentos e lembranças. Estes aspectos constituem o mosaico da(s) memória(s).

“

A memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente

Delgado, 2006

A incorporação efetuada entre memória e história oral pode ser reconhecida como lembrança(s), representando a vivência das pessoas no seu exercício da memória. Nora (1993), refere que:

> **“**
>
> **a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada ao momento particular da história.**
>
> Nora, 1993, p.109

Significa que os lugares de memória são pedaços da história particular de um grupo ou de um indivíduo.

Neste sentido, a memória e a história oral são um instrumento capaz de fornecer informações narradas sobre o passado. Cada indivíduo é um “arcabouço de informação” narrativa (Portelli, 1996, p.68). O que conduz este exercício reflexivo para a referência à memória individual como também sendo

> **“**
>
> **social, familiar e grupal, por meio das falas, resgata-se um tempo, uma cidade, desejos e esperanças.**
>
> Bosi, 1990, p.23

O contexto, aqui tratado, remete para o diálogo transdisciplinar de fronteira entre o saber científico e o senso comum, sobretudo no campo de estudo dos processos de apropriação em que se valorizam as expressões culturais orais.

“

Polifonia dos sentidos das coisas do quotidano em prol dos saberes e fazeres da tradição.

Geertz, 2014, p.82

De facto, é no informante (entrevistado) que a antropologia detém a sua principal fonte de conhecimento. Nesta dinâmica antropológica, a versão sobre a vida, a história, o saber do indivíduo, permite tecer narrativas concretas sobre essas vivências partilhadas. A oportunidade conseguida com esta aquisição de conhecimento e experiências partilhadas permite entender a diversidade cultural e as singularidades representadas, a partir do qual se verifica através de um indivíduo e atribuição de significados.

Neste contexto, pontes de encontro na antropologia são conexões que se estabelecem e que permitem refletir de forma mais profunda sobre o percurso da educação na atualidade. Conhecer & Entender o percurso, que se está a trilhar, com todos os desafios a enfrentar no sistema de educação acaba por direcionar as metodologias de trabalho pedagógicas, que de uma forma ou de outra, impelem a adaptar novas ferramentas de ensino, de educação de grande responsabilidade. São configurações que marcarão o futuro num sistema educativo de enorme contexto de mudança.

Todo e qualquer ato e processo educativo (neste contexto aplicado à educação superior), será sempre um setor em que o impacto da crise – qualquer tipo de crise, mas agora em específico e relacionado com o contexto de pandemia que todos os setores se encontram a ultrapassar, será muito significativa. Todo o ato educativo, assinala historicamente, o futuro do que se fizer na educação.

O valor tangível e intangível, advindos do contacto pessoal ou online respetivamente, do professor-estudante será sempre um incentivo ao conhecimento, aprendizagem, abertura de espírito, transformação individual ou social que serão sempre os fundamentos basilares para a aprendizagem no ensino superior. Entende-se que se está num ponto de viragem na educação, onde o contexto pandémico veio fortalecer a permuta da experienciação social. Diríamos cocriação de valor com foco na inovação e no desenvolvimento de um ambiente educativo que é metafísico, no sentido de ir para além dos limites da sala de aula. Portanto, o que se impõe, enquanto professores do ensino superior, é cocriar, isto é, criar juntamente com outrem, futuros cidadãos, profissionais num determinado domínio científico.
Interagir para experienciar e "descerrar" a aprendizagem é necessário! É imperativo reagir à adversidade, é imperativo uma adaptação coletiva. "Descerrar" a aprendizagem, significa abrir e valorizar os saber – saber e saber-fazer individual numa dinâmica de integração do estudante na escola/no politécnico/na universidade e ao mesmo tempo na sociedade. Portanto, entende-se que o descerrar a aprendizagem depende da experiência e do processo de trocas, de permutas que se geram entre o professor, o estudante, o meio educacional e todo o Outro, que possibilita essa mesma partilha.

Existem estudos interessantes, que tem retratado este interagir para experienciar. Só para citar alguns exemplos:

> **“**
>
> **os antropólogos e os turistas têm muito em comum**
>
> Stronza, 2001, p.261

O que se encontra envolvido nesta consideração são Pessoas e por isso existem comportamentos, sentimentos e reações com base comum. Também Nash (1981), coloca a destaque que:

> **“**
>
> **o turismo envolve viagens e, portanto, o encontro entre culturas e as transações sociais envolvidas podem oferecer a chave para a compreensão antropológica do fenómeno**
>
> Nash, 1981, p.462

É muito interessante este pilar das transações sociais. Pois elas existem e devem ser incitadas a destacarem-se na educação, enquanto ato operacional social.

Há, porém, confrontos e desafios atuais relacionados com os que Buckingham (2003), identifica. Este autor refere, que:

> **“**
>
> **a passagem da cultura de massas à cultura multimediática é marcada pela propagação, global e altamente veloz, das correntes de informação, especialmente por via digital e em rede**

Buckingham, 2003, p.27

Entende-se, neste contexto, que as sociedades contemporâneas são *learning cultures*. Este contexto, é propício a dinâmicas mais positivas e outras mais negativas. É também por este prisma que:

> **“**
>
> **a aprendizagem e o conhecimento baseiam-se na diversidade de opiniões; criar e manter conexões é necessário para facilitar uma aprendizagem contínua; a capacidade para identificar conexões entre áreas, ideias e conceitos é crucial; a atualização é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conetivista.**

Siemens, 2005, p.72

Significa que se a chegada da Era Digital permitiu e impulsionou uma maior agilidade e velocidade na comunicação, no campo do ensino superior devem ser dados mecanismos aos estudantes que permitam abrir espaço à reflexão. No fundo, dar autonomia às capacidades cognitivas críticas de cada um, para também existir uma aplicabilidade mais prática, mais concreta, dos conhecimentos teóricos à realidade do terreno do domínio científico. É necessário, no campo educacional, abrir espaço para conexões entre pessoas, entre conhecimentos, entre conhecimentos teóricos e conhecimentos práticos.

Ora, foi precisamente esta conexão que se conseguiu concretizar no percurso da educação–ensino superior no curso de licenciatura em Turismo e Gestão do Património Cultural da Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Tomar. No que diz respeito ao desenvolvimento de um trabalho de contexto prático que estava desenhado e programado para os estudantes para o início do ano letivo, que envolvia a presença real de entrevistas às Irmãs da Congregação e que advindo da imposição pandémica teve de ser repensado.

É aqui que entra o superar desafios, em contexto de mudança e o interagir para experienciar e o "descerrar" a aprendizagem. A componente prática do trabalho envolveu a elaboração de propostas de guião de entrevistas por parte da turma de estudantes que não aconteceram no formato presencial como se havia previsto e planeado, mas sim no formato online. Os estudantes elaboraram o guião de entrevista, de acordo com a biografia das entrevistadas (Irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima (SNSF)), disponibilizadas antecipadamente para esse efeito.

Os processos de ensino e aprendizagem foram adaptados, dialogando com as limitações impostas. As entrevistas foram realizadas pelos estudantes através do computador (videoconferência através da plataforma Zoom). Pode dizer-se que todo o conhecimento e aprendizagem aconteceu intensivamente! Por parte dos estudantes, ansiedade inicial – não há dúvida que entrevistas realizadas no formato online são muito mais difíceis, porque intrincadas também num contexto complexo (como por exemplo: inexperiência e a idade avançada das entrevistadas). Contudo, um regozijo final – pois, não há dúvida que toda a interação proporcionada concedeu momentos de grande emoção e enriquecimento mútuo.

Nos discursos da(s) experiência(s) dos estudantes, naquilo que participaram, naquilo que foi o seu processo e percurso educativo no ensino superior: foram histórias que cativam!

Neste, “O percurso da educação no ensino superior” descerrou-se a aprendizagem, patente nos discursos dos estudantes. Demonstra-se que a experiência, a interação no processo educativo, tem que passar além da estrutura convencional e espaço de sala de aula. O percurso educativo tem que envolver, sobretudo, um campo de trajetórias de interação experiencial e de transformação cultural e social.

NOTAS FINAIS:

1) o percurso da educação é de uma grande responsabilidade e de um enorme compromisso e acima de tudo desafiante agora, hoje e na linha temporal futura;

2) a dimensão da formação de ensino coloca imensas inquietações e desafios. É certo! É necessário saber dialogar com um conjunto heterogéneo de estudantes e imprimir a todos eles sistemas de aprendizagem, conhecimento, um conjunto de ferramentas teóricas e práticas que lhes concedam competências, aptidões que lhes permitam ao mesmo tempo demonstrar atitudes de atuação perante contextos individuais e coletivos. O que significa fornecer campos de fronteira entre ferramentas concretas do domínio científico e liberdade de reflexão crítica e transformação pessoal e profissional numa sociedade em constante mudança;

3) o percurso da educação, exige ENCANTAMENTO E SEDUÇÃO que permita aos estudantes a DESCOBERTA de cenários de transformação disciplinares e individuais.

OBSERVAÇÃO:

Este texto é o resultado da comunicação intitulada “Nos meandros da antropologia do turismo: interagir para experienciar e “descerrar” a aprendizagem”, apresentada no Ciclo de Conferencias “O Percurso da Educação”, 1ª sessão dedicada ao ensino superior (15/03/2021), promovido pelo Luiza Andaluz Centro do Conhecimento em parceria com o Instituto Politécnico de Tomar. Esta comunicação focou-se na partilha de um caso prático ocorrido no curso de licenciatura em Turismo e Gestão do Património Cultural do Instituto Politécnico de Tomar.

4. Entrevistas a Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima

Maria Mónica Dias Caetano

Maria Teresa de Jesus Silva Dias

Vitória da Fonseca Alves

Maria da Assunção Pestana

Maria do Céu Marçal

Maria Adelaide Ferreira Santos

Maria Mónica Dias Caetano

Nasceu em 25/03/1928, no lugar Casas da Ribeira, paróquia de Cardigos, concelho de Mação, distrito de Santarém. Veio para Santarém com 12 anos de idade, para a Escola de Aspirantes, que então funcionava no edifício da atual Fundação Luiza Andaluz e entrou na Congregação a 01/10 para a chamada Escola Apostólica, onde prosseguiu os estudos, frequentando o Colégio Andaluz (à data, no Palácio Andaluz). Terminado o percurso liceal veio para Lisboa, para a casa de S. Mamede, frequentar a Faculdade de Ciências, onde estudou e concluiu a Licenciatura em Ciências Físico-Químicas, em 1954. Fez o Curso de Pedagógicas em 1957.

Deu entrada no Postulantado em 01/10/1954 e no Noviciado em 01/04/1955. Fez a Primeira Profissão em 02/10/1956 e a Profissão Perpétua em 02/10/1962.

Foi professora no Colégio Andaluz de 1957 a 1969. Deu aulas de Moral no Liceu Nacional de Santarém nos anos letivos de 1959 a 1960 e lecionou aulas de Física no Seminário de Santarém entre os anos 1962 e 1969.

Em 03/10/1969, passou a residir no Largo de S.Mamede, em Lisboa, na Casa Geral da Congregação, para assumir a missão de Secretária Geral do Governo da Congregação, que exerceu até 05/09/1975, data em que foi eleita Superiora Geral da Congregação, sendo sucessivamente reeleita até 09/1989.

Quando deixou a missão no Governo Geral da Congregação foi frequentar o Instituto Lumen Vitae em Bruxelas, na Bélgica, integrando a Comunidade aí residente, até abril de 1990. A 16/10/1990 partiu para Moçambique como missionária onde exerceu a função de Delegada Regional até 1994.

Foi Superiora Local na Casa Mãe, em Santarém a partir de 22/12/1994 até 1998. Exerceu a mesma missão em diversas Comunidades em Lisboa e Santarém. Atualmente reside na Comunidade de Aveiro. A par da formação recebida e missão exercida descrita frequentou outros cursos de atualização a vários níveis: humano, espiritual, catequético, pastoral, para corresponder às necessidades de cada tempo e função exercida. Em todo o seu percurso contactou muito de perto com Luiza Andaluz tanto nos seus tempos de estudante, como durante a convivência na Casa Geral.

Entrevista à Irmã Maria Mónica Dias Caetano

Entrevistadores: Rafael Bento (RB), Patrícia Henriques (PH), Deolinda (D), Eunice Lopes (EL), Mafalda Leitão (ML)

Dia 03/12/2020

[ML]: – Meninos podemos começar?
[RB]: – Podemos, podemos.
[ML]: – Esperem lá que eu fiz uma coisa que não fiz bem. Esperem lá. Agora fui um pouco inteligente porque tirei o som, se não depois não vos oiço, para não fazer interferência, tenho que por o auricular. Então estava a dizer é a Bárbara. É a Bárbara? Não sei se decorei bem o nome.
[EL]: – É a Patrícia!
[ML]: – Patrícia e o?
[EL]: – Rafael!
[ML]: – Então Irmã Maria Mónica então nós vamos ter agora connosco, que vai falar consigo, aqueles dois meninos que estão ali com máscara. É a Patrícia e o Rafael. E eles vão-lhe fazer assim umas perguntas e a Irmã responde. Pode ser?
[Irmã Maria Mónica]: – Está bem.
[ML]: – Pronto.
[Irmã Maria Mónica]: – Se souber.
[ML]: – Sabe com certeza.
[RB]: – Verificámos que a Irmã Maria Mónica era na sua história de vida era colega de Maria…
[Irmã Maria Mónica]: – Olá, bom dia.
[RB]: – Então, verificámos que Maria, a Irmã Maria Mónica Caetano na sua história de vida era colega de escola da Irmã Luiza Andaluz. Em que contexto é que se lembra de a ter conhecido?
[Irmã Maria Mónica]: – Está…
[ML]: – Ah, espera. Ela não consegue ouvir assim, esperem lá. Ah, espera, espera, espera.
[Irmã Maria Mónica]: – Assim, oiço bem.
[ML]: – Irmã Maria Mónica conseguiu ouvir a pregunta do Rafael?
[Irmã Maria Mónica]: – Não ouvi nada!
[ML]: – Pois, porque ela está a ouvir pelo telefone. Espera ai, Rafael. Então isto. Desculpa lá, tens que falar outra vez.
[RB]: – Não há problema.
[ML]: – Altinho, bastante alto Rafael, por favor.
[RB]: – Verificámos que a Irmã Maria Mónica na sua história de vida era colega da Irmã Luiza Andaluz. Em que contexto se lembra de a ter conhecido?
[Irmã Maria Mónica]: – Oiço assim umas coisas a correr.
[ML]: – Espera, posso traduzir? O Rafael perguntou que durante a sua vida foi colega da Luiza, não é? Rafael era esta a pregunta?
[RB]: – Sim, sim. Em que contexto é que se lembra de a ter conhecido?
[Irmã Maria Mónica]: – Eu fui a subalterna da Luiza, não fui colega de maneira nenhuma. Mas acompanhei-a e vivi com ela, e ela tomava-me como sua, como sua filha. Estou?
[RB]: – Sim, sim.
[ML]: – Obrigada.
[Irmã Maria Mónica]: – Ouviu o que disse?
[ML]: – Ouviu Rafael?

[PH]: – Ouvimos, ouvimos. Outra pergunta, a Irmã Maria Mónica Dias Caetano com apenas 12 anos frequentou a escola de Aspirantes em Santarém. Qual foi o motivo do seu ingresso nessa escola?
[Irmã Maria Mónica]: – Bom dia. Eu. Estou?
[ML]: – A Irmã aos 12 anos entrou para a escola de Aspirantes.
[Irmã Maria Mónica]: – Sim.
[ML]: – E a Patrícia pergunta porque, qual o motivo de a Irmã ter ido para a escola de Aspirante. Porque é que foi para lá?
[Irmã Maria Mónica]: – Olhe eu fui para lá porque, 1º já em criança e mais nova dizia que não me queria casar. E depois andei a pensar nisso e, entretanto, houve uma oportunidade de eu ir para Santarém, porque já tinha uma Irmã na Congregação, e eu achei que por aí é que era o meu caminho. E então fui. Encontrei-me lá com outras colegas. E assim vivia muito bem com elas.
[PH]: – Claro, fez bem.
[Irmã Maria Mónica]: – Hã?
[ML]: – A Patrícia diz que fez muito bem.
[Irmã Maria Mónica]: – Ahahahah.
[RB]: – Durante a sua vida também foi docente. Foi fácil desempenhar esse papel?
[ML]: – Se na sua vida foi fácil, desempenhar o seu papel como Irmã. Certo Rafael?
[RB]: – Como, como professora.
[ML]: – Como professora, como professora. Se o seu papel como professora foi sendo fácil ou difícil ao longo da vida. Como é que a Irmã...
[Irmã Maria Mónica]: – Tive um papel muito importante. Fui professora no Colégio e também fui professora no Liceu. Também...Estou?
[ML]: – Sim, sim, sim, sim. Estamos a ouvir.
[Irmã Maria Mónica]: – Dei umas aulas no liceu de Santarém, mas sobretudo no colégio. Depois do colégio fui para Lisboa, fui para a universidade e lá me formei.
[PH]: – A Irmã Maria Mónica também espalhou a mensagem da Comunidade na Bélgica...
[Irmã Maria Mónica]: – Como?
[PH]: – Em Moçambique e em Portugal. Que meios é que utilizou para promover essa mensagem?
[ML]: – A Irmã também espalhou a mensagem de Deus, na Bélgica, em Moçambique e em Portugal e a Patrícia pergunta que meios é que utilizou para espalhar a mensagem.
[Irmã Maria Mónica]: – Os contactos. Foram os contactos pessoais.
[PH]: – Certíssimo.
[Irmã Maria Mónica]: – Os contactos com as pessoas. Contactava com elas e também em organismos tanto na Bélgica, como em Moçambique e que, enfim, como em toda a parte em que passei.
[PH]: – Sim, sim. Como é que eram feitos esses contactos pessoais?
[ML]: – Como é que fazia os contactos pessoais? Como é que eram feitos?
[Irmã Maria Mónica]: – Eram contactos de pessoa a pessoa e também eram contactos de reuniões. Reuniões, encontros, com jovens etc.
[PH]: – Era uma iniciativa muito boa.
[ML]: – A Patrícia diz que foi uma iniciativa muito boa.
[Irmã Maria Mónica]: – Ahahahah. Ainda bem. Ahahah.
[PH]: – Como é que as pessoas reagiam a essa mensagem?

[Irmã Maria Mónica]: – Em encontros com jovens oficiais, jovens da tropa. É. Eles iam lá a casa e houve um desses que se batizou.
[PH]: – Muito bem. Ahahah.
[Irmã Maria Mónica]: – Acerca do batismo do rapaz. Ele não se batizou lá. Ele batizou-se entre colegas. É, é muito interessante. Já não me recordo do nome dele. Mas esse batizou-se a partir de lá.
[PH]: – Sim, sim. AHAHAH.
[Irmã Maria Mónica]: – Mais?
[RB]: - Das suas memórias, lembra-se de algum objeto que tenha sido oferecido pela Irmã Luiza Andaluz?
[Irmã Maria Mónica]: – Como?
[RB]: – Lembra-se de algum objeto...
[ML]: – Nas suas memórias lembra-se de algum objeto que a Madre Luiza Andaluz lhe tenha oferecido?
[RB]: – E que guarde ainda como recordação
[Irmã Maria Mónica]: – A Madre Luiza Andaluz não oferecia objetos particulares às Irmãs. A Madre Luiza Andaluz era uma dádiva constante para nós. A sua maneira de ser, a sua maneira de estar. Ela gostava muito que eu a fosse buscar. Eu todos os dias ia buscar o "Jornal Novidades", porque as "Novidades" eram um grande jornal nessa altura e chegava sempre a nossa casa. Eu ia buscá-lo e ia ler aquelas coisas que interessavam. E ela gostava muito de ouvir ler e de saber.
[PH]: – Realmente são recordações muito boas. Em termos de felicidade...
[ML]: – Recordações boas...
[Irmã Maria Mónica]: – Ah, sim. São boas recordações que tenho dela. A Madre fundadora estava sempre a trabalhar. Não sei se sabem que ela fazia estampas para mandar às suas catequeses. As Irmãs passavam por lá e levavam depois as "estampinhas" que ela fazia. Era assim, arranjava uma espécie de uma placa maior, depois aí punha uma estampa. Fazia 2 furos em cima e fazia, e depois metia uma fita para prender. As pessoas passavam por ali, levavam sempre essas recordações para as suas casas, para os seus lares. Eu não sei se alguma coisa dessas por lá ainda. É provável que na secretária dela ainda haja alguns vestígios, não é?! Algumas coisas dessas. Era muito interessante. As pessoas passavam, levavam sempre e ela considerava isso era o seu rei da costumagem.
[PH]: – Sim, sim.
[Irmã Maria Mónica]: – Era muito interessante.
[PH]: – Claramente. Em termos de felicidade a Irmã Maria, para si...
[Irmã Maria Mónica]: – Como? Como?
[PH]: – Qual foi o momento mais marcante da sua vida?
[ML]: – Em termos...
[Irmã Maria Mónica]: – Oiço mal. Oiço mal.
[ML]: – Em termos de felicidade, para si, qual foi o momento mais marcante da vida. Onde a Irmã se sentiu mais feliz. É isso, não é?
[PH]: – Sim, sim, sim.
[Irmã Maria Mónica]: – Olhe, onde eu me senti mais feliz, sentia-me sempre bem. Assim propriamente um momento marcante, marcante posso dizer que foi a minha profissão.
[PH]: – Quer falar-nos um pouco sobre isso?

[Irmã Maria Mónica]: – Foi a minha profissão religiosa.
[PH]: – Tem alguma história acerca da sua profissão...
[ML]: – A Patrícia pergunta se quer falar um bocadinho sobre a sua profissão. Contar alguma história do dia da sua profissão.
[Irmã Maria Mónica]: – É o dia da minha profissão, foi um dia muito feliz. Foi um dia muito cheio. Foi um dia muito, as famílias estavam presentes. Havia uma pessoa que era a nossa madrinha. A minha madrinha foi a minha cunhada, a mulher do meu Irmão. Ah. Portanto, eu professei nas mãos da Luiza, já não foi Luiza Andaluz. Foi da Madre Luiza Groette, a Superiora Geral na altura. Foi nas mãos dela que professei. Foi um dia muito feliz a casa encheu-se de convidados. Depois passamos o dia, fizemos a profissão. Passamos o dia lá a passear na quinta. E foi assim um dia muito feliz. E mais coisas não me recordam. Ah! pois. E também para completar essa felicidade, ainda para mais ainda permanece.
[ML]: – Ahahahah.
[PH]: – E acredito que sim ahahah.
[Irmã Maria Mónica]: – O que é?
[ML]: – A Patrícia diz que acredita que sim. Que a Irmã ainda mantém essa felicidade.
[Irmã Maria Mónica]: – Ah, sim, sim, sim. Ainda mantenho, mantenho. Sempre tenho mantido. Os pontos por onde passei, a Bélgica, Moçambique, cá em Portugal, na universidade mantive muito essa felicidade com os contactos com os colegas. A nossa casa era muito perto da Faculdade de Ciências, que era a faculdade que eu frequentava, a das ciências. Às vezes, ia a correr, era um instantinho, era para aí 2 ou 3 minutos. Ficava a 2 minutos. Ia logo a correr, ia para as aulas para chegar a tempo. Foi um tempo muito feliz que passei lá na universidade. Muito feliz mesmo.
[PH]: – Sim, nós também como estamos agora a frequentar a universidade, é uma inspiração para nós.
[Irmã Maria Mónica]: – Como?
[ML]: – A Patrícia e o Rafael estão no primeiro ano da universidade e dizem que eles agora, que chegaram à universidade à uns meses, pouquinhos, que o que a Irmã esta a dizer para eles é uma inspiração e uma ajuda.
[Irmã Maria Mónica]: – Ahahahah. Muito obrigada. Muito obrigada. Muito obrigada.
[PH]: – Sim, porque nós também corremos de vez em quando.
[ML]: – A Patrícia diz que também corre de vez em quando para chegar às aulas a horas.
[Irmã Maria Mónica]: – Ahahah. Ah! pois, eu corria e corria bem para chegar a horas à aula, às aulas, era. Eu ficava em letras, e a Irmã Delfina que era minha colega ia para letras, para a Faculdade de Letras e eu andava em ciências e ela em letras. E a Irmã Teresa Dias também andava em ciências, em Metrologia. A Delfina em Românicas e eu em Físico-químicas. Era. Era também a Irmã Ermelinda. Essa Irmã andava não sei onde. Ela andava. Diga lá Irmã. A Irmã sabe.
[D]: – Foi mais tarde.
[Irmã Maria Mónica]: – Pois, foi mais tarde. Foi para educadora foi.
[PH]: – Os convívios que as Irmãs partilham dentro da Congregação como é que são feitos?
[ML]: – A Patrícia...

[PH]: – São agradáveis...
[ML]: – A Patrícia pergunta se os convívios que as Irmãs fazem entre as Irmãs dentro da Congregação se são convívios bons, se são agradáveis. Como é que são? Para a Irmã contar um bocadinho.
[Irmã Maria Mónica]: – Os nossos convívios. São muito agradáveis. São convívios simples. São convívios que podem ter várias facetas. Pode haver convívios simples. Como os convívios que nós fazemos das nossas profissões. Falámos, contámos histórias, contámos coisas do passado, fazemos também trabalhinhos para vender para os pobres. A Irmã Gabriela faz trabalhinhos muito jeitosos. Faz vestidinhos muito jeitosos. São muito amorosos os vestidos que ela faz para mandar para África. A Clementina faz cestinhas. Não sei se conhecem os tipos que ela faz, com quadradinhos de papel. Dobra os quadradinhos, muito bem dobradinhos, depois estorça-os uns nos outros e vai fazendo as cestinhas. As senhoras, com certeza já viram essas cestinhas. A Irmã Deolinda vai buscar uma para as senhoras verem. Vais buscar.
[PH]: – Agradecemos, agradecemos.
[Irmã Maria Mónica]: – É isso.
[PH]: – Não conhecemos, mas queremos muito ver. Mas é uma oportunidade. Obrigada.
[Irmã Maria Mónica]: – O que é que eu estava a falar?
[ML]: – A Irmã estava a contar dos convívios. Estava a contar que faziam esses trabalhinhos e se eram agradáveis.
[Irmã Maria Mónica]: – Os convívios em que cada um conta as suas coisas. E é assim que nós passamos os nossos convívios. Temos um convívio à noite, no fim de jantar, vamos todas conviver. Olhe a Irmã Deolinda tem aqui as cestas, aqui as coisas que ela faz. Querem ver?
[PH]: – Sim, sim.
[ML]: – Sim, sim.
[PH]: – E descreva, descreva o que sente ao olhar para isso.
[ML]: – Está. A Patrícia pergunta, diz que é para a Irmã mostrar a cestinha e dizer o que é que a Irmã sente quando mostra a cestinha. O que é que a Irmã acha da cestinha?
[PH]: – Mas levante um bocadinho para nós vermos, porque não se vê, por favor.
[Irmã Maria Mónica]: – A Irmã Clementina faze-las para oferecer às pessoas e até para vender e para dar aos pobres. Pois a venda é para dar aos pobres. Mas há aqui uma senhora que vem fazer limpeza à casa, a D.Fátima que leva as cestinhas e vende-as por lá. O dinheiro vai para os pobres.
[ML]: – Mostra as cestinhas um bocadinho mais para cima Irmã Deolinda para nós vermos.
Tem que ser quase ao pé da cara da Irmã Maria Mónica. Um bocadinho. Mais para o pé da Irmã Maria Mónica.
[PH]: – Quantas horas é que leva a fazer essas construções?
[ML]: – Quantas horas demora a fazer cada cestinha?
[Irmã Maria Mónica]: – Ah, quantas horas demora a fazer?
[D]: – Não faço ideia. Mas muito tempo.
[Irmã Maria Mónica]: – Não faço ideia. Mas muito tempo. Olhe isto são tudo papelinhos reciclados e dobrados e postos aqui. Estão a ouvir bem?

[PH]: – Sim, sim. Estou a ouvir.
[Irmã Maria Mónica]: – Quanto é que demora. Isto demora não sei quantas horas demora a fazer esta coisa, este pato. Não sei, não faço ideia.
[PH]: – Deve ser várias horas.
[Irmã Maria Mónica]: – Não imaginamos o que seja.
[ML]: – Eunice, Patrícia posso fazer uma pergunta?
[PH]: – Claro que sim.
[ML]: – Oh! Irmã Maria Mónica. A Irmã estava a falar dos convívios, desses agora que a Irmã vive aí em casa. A Irmã quer contar também aqueles convívios que eram na altura de Luiza no Colégio Andaluz com as meninas lá no colégio. Isso eram convívios assim diferentes, não eram?
[Irmã Maria Mónica]: – Eram os recreios que a gente tinha lá com as alunas. Elas adoravam, dançavam, tinham campos de treino, faziam ginástica. Eu também fiz ginástica. Tínhamos uns vestidinhos azuis-escuros com umas calcinhas. Eram muito interessantes aqueles vestidinhos. E para fazermos ginástica, ia lá uma professora dar-nos ginástica. Tínhamos tantas aulas de ginástica como aulas de lições, como outras aulas. Era bem considerado.
[PH]: – É muito interessante. Quer nos descrever a sua rotina diária?
[ML]: – Irmã querem contar o que faz no seu dia, a sua rotina diária. Levanta-se até à noite. O que é que a Irmã faz durante o dia?
[Irmã Maria Mónica]: – Levanto-me, depois vou rezar, depois vou tomar o pequeno-almoço, depois rezo normalmente a minha oração. A oração é a "Força da minha vida", é o meu amparo do dia-a-dia. E depois almoço, no fim do almoço vou descansar um bocadinho, depois levanto-me, vou para a televisão, depois, entretanto chega. Como? Dou por aqui um passeio aqui à Volta da casa e que mais? Depois chega a hora das vésperas. Rezamos vésperas depois de jantar. Depois o convívio da noite, vamos também à missa. Costumo ir à missa aqui pela televisão. Agora, agora! Porque antigamente ia à missa à Sé, mas eu como tenho dificuldade em andar porque tenho uma perna um bocado choca, ah-ahah!, de modo que não tenho assim muita confiança nela e fico cá em casa. Vou à missa pela televisão. À missa das onze.
[PH]: – Sim, sim.
[Irmã Maria Mónica]: – Como? Ah! pois, também tenho um momento de oração com a comunidade, partilha da palavra. É ao sábado. Fazemos assim o nosso dia por completo.
[PH]: – Sim, compreendo. Por fim, queria agradecer em nome dos meus colegas, da minha turma, da escola do IPT, da professora Eunice que foi um prazer. Foi um enorme carinho ter partilhado a Irmã Maria Mónica ter partilhado as suas vivências, as suas experiências, as suas recordações connosco. Muito obrigada. Nós agradecemos de coração. Desejamos as maiores felicidades e muita saúde.
[Irmã Maria Mónica]: – Pronto.
[ML]: – Agora ouviu muito bem. Sim, sim Irmã ouviu muito bem. Obrigada, Irmã Maria Mónica. Foi uma ternura. E ver a diferença da sua vida agora com noventa e qualquer coisa...
[Irmã Maria Mónica]: – Noventa e dois
[ML]: – Noventa e dois e o que era a Irmã ter que

correr para a universidade como contava como professora no colégio. Era um bocadinho diferente. Não era? Isso agora já é mais calmo.

[Irmã Maria Mónica]: – Era uma casa muito cheia. Enfim. Era esta vida que Deus me deu.

[ML]: – Pronto, é isso. Obrigada, Irmã.

[PH]: – Obrigada. Um grande beijinho

Maria Teresa
de Jesus Silva Dias

Nasceu a 15/03/1930, em Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã, distrito de Castelo Branco. Entrou na Congregação a 02/10/1942, para a Escola de Aspirantes, onde frequentou o Colégio Andaluz. De 1951 a 1956 frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa e concluiu a Licenciatura em Ciências Biológicas. De 1958 a 1960 concluiu o Curso Pedagógico.

Entrou para o Postulantado a 01/10/1956 e para o Noviciado a 01/04/1957. Fez a Primeira Profissão Religiosa a 02/10/1958 e a Profissão Perpétua a 02/10/1964.

Em 1960 iniciou a sua missão como professora do Colégio Andaluz, em Santarém. A 27/07/1971 assumiu o cargo de Presidente da Direção do Colégio Andaluz e em 15/09/1973, ficou Diretora da mesma Instituição, até ao final da sua atividade. A partir de 1975 fez parte do Governo Geral da Congregação, como coordenadora da Formação Permanente e Delegada Regional até 1989. Foi Vice-Postuladora do Processo de Canonização de Luiza Andaluz de 1995 a 2000. Exerceu também a função de Secretária Nacional da Federação dos Institutos Religiosos em Portugal (FNIRF), de 2000 a 2004.

Entre 2004 e 2005 esteve em missão em Moçambique. No regresso a Portugal exerceu ainda a sua missão em Casas de Acolhimento e em Centros Sociais. Atualmente, reside na Ericeira.

Contactou muito de perto com Luiza Andaluz tanto nos seus tempos de estudante, como na convivência na Casa Geral. Como Vice-Postuladora da causa de canonização, contactou com os escritos e documentação relativos a Luiza Andaluz.

Entrevista à Irmã Maria Teresa de Jesus Silva Dias

Entrevistadoras: Rita Tomás (RT), Marília Jacinto (MJ), Eliana Llorent (EL), Rafaela Matos (RM), Mafalda Leitão (ML).

Dia 17/12/2020

[ML]: – Bom dia!
[Irmã Maria]: – Bom dia com Alegria!
[RT]: – Olá sou a Rita e vim fazer uma perguntinha, pode ser?
[Irmã Maria]: – Não percebi.
[RT]: – Pode-nos dizer qual foi o principal motivo de ter entrado na congregação?
[Irmã Maria]: – Olhe, os caminhos de Deus. Eu tinha umas primas na congregação e foi através delas que eu vim para cá, porque eu tinha 12 anos e depois disse ao meu pai (os meus pais eram professores) disse que não queria estudar mais porque queria ser freira e o meu pai como era um católico praticante perguntou para onde é que queria ir, se para as franciscanas, se para as primas. As franciscanas eu conhecia pessoalmente, a minha irmã estava em Coimbra na Universidade e estava lá nas franciscanas, eu não sabia quem eram as primas e ao fim ao cabo eram duas primas que eu tinha na obra Madre Luiza Andaluz que tinha sido aprovada 2 anos antes. O meu pai tratou de tudo e veio trazer-me a Santarém e fui fazer parte de uma instituição onde havia um grupo de meninas que queriam ser "Irmãs" e chamavam-se Apostólicas (e era a escola Apostólica), eu que não queria estudar mais puseram-me a estudar... E, eu fui estudar, fui sempre das melhores alunas e depois de fazer parte do Liceu fui para a Universidade, fazer o curso de Biologia e só do curso é que fui para o Noviciado e aí é que professei.
[MJ]: – Olá Irmã! Eu sou a Marília e eu queria-lhe perguntar, como falou da Madre Luiza Andaluz pode-nos contar um bocadinho sobre ela, de que maneira se relacionava com ela, contar-nos assim alguma história que tenha.
[Irmã Maria]: – Eu com a Madre Luiza Andaluz tive o privilégio de conviver com ela 5 anos enquanto estive na Universidade, estava lá em Lisboa e estava na mesma casa onde ela vivia e era sempre muito alegre, sempre muito bem-disposta, muito interessada por tudo e por todos e ela estava muito atenta às pessoas e até dava conta de quando ia lá alguma menina e tinha algum "problema", o que fazia que nem lá iam porque ela dava conta de qualquer coisa, ela era sempre muito interessada, muito alegre e estava sempre a trabalhar, nessa altura ela era trabalhava em "estampazinhas" que era para as Irmãs darem às crianças da catequese. Ela trabalhava muito bem em desenhos e nisso tudo.
[EL]: – Bom dia sou a Eliana, olhe então, nós sabemos que foi diretora no colégio e nós queríamos saber como é que foi essa experiência se nos pode contar o que o que fazia, como fazia a gestão do mesmo, se era difícil, se gostava ou não pois está claro!
[Irmã Maria]: – Até por acaso, fui para o ensino oficial e embora estivéssemos no colégio superior dessa altura, até queriam que eu fosse para

o ensino oficial, mas, entretanto, tive de ir para lá substituir uma Irmã, (...olha dar aulas de português...) que nem era a minha área, o meu curso era de Biologia. E lá estive a dar aulas e nos últimos anos estive como diretora. E o colégio tinha muita procura e só de edifícios eram 16 e dos melhores da Europa, eu pensava que era um nível de instalações, mas depois um dia mais tarde eu via as cadernetas e tudo ("... mas como é que tínhamos estas ideias...") por exemplo um fator de avaliações das alunas para as famílias era a socialização.

[Marília]: – Só instantinho Irmã... Uma colega estava aqui a perguntar, a Irmã foi professora, quer contar-nos alguma história sobre essa altura?

[Irmã Maria]: – Eu por acaso até gostaria de ter isso para a área da investigação, mas depois fui para lá dar aulas e nós tínhamos o colégio que tinha muito boas instalações, os laboratórios e tudo, eu lembro me que dava aulas e que tinhas aulas práticas também e lembro-me que fazia brincadeiras (... ainda me lembro de quando via uma cobra e que não tinha medo nem problemas em pegar nelas, eu ate tinha maneiras especificas de as apanhar sem que elas me mordessem, e depois por forma de brincadeira ponha-las no laboratório e atava-as com um cordel e fazia com que as alunas fossem ao laboratório para se assustarem... hahaha...) Mas elas não se esquecem, daquilo que eu dizia nas aulas, é bonito!

[EL]: – Muito bem, que bom, a Irmã fez uma missão em Moçambique, gostou da experiência?

[Irmã Maria]: – Gostei, gostei da experiência, estive lá uns 4 a 6 anos e gostei.

[EL]: – Quais eram as suas missões de quando esteve em Moçambique, quais eram os seus objetivos?

[Irmã Maria]: – Eu quando fui para lá, havia um grupo de meninas, que eram aspirantes algumas, chamávamos as "vocacionadas" e eu depois dava-lhes aulas e estava atenta e elas e ajudava-as a nos estudos. Foi uma experiência muito boa!

[MJ]: – Tem alguma história que queira partilhar connosco?

[Irmã Maria]: – Não me lembro de nada de especial. Mas foi uma experiência muito bonita porque estive em contacto com Irmãs moçambicanas e pude conhecer novas culturas, foi muito enriquecedor foi uma experiência muito boa, inesquecível.

[MJ]: – A Irmã tem algum sonho que ainda queira realizar?

[Irmã Maria]: – Sonhos propriamente, não, mas as vezes penso que já estou quase nos 90. Mas tenho um objetivo que é viver a vida com alegria e poder dar o melhor que tenho e ajudar.

[RT]: – A Irmã pode nos contar sobre a sua vida diária?

[Irmã Maria]: – Olha ajudo cá em casa (por a mesa, ajudar nas loiças...), rezar, passear na rua, visitar pessoas que têm necessidades, gosto muito de ler.

[MJ]: – Diga-me uma coisa, entrou muito novinha para a congregação.

[Irmã Maria]: – Sim, entrei, tinha 12 anos, porque como já disse, eu disse ao meu pai que queria ser freira e o meu pai quis me levar a Santarém

e eu fui para uma instituição, que ainda existe e nessa altura havia um grupo de meninas que se chamavam as Apostólicas, e eu fui fazer parte desse grupo e eram lá do nosso colégio. E eu não queria estudar mais, puseram-me a estudar e então fui sempre das melhores alunas, mesmo não querendo...

[EL]: – E tem alguma história de quando entrou na congregação, com apenas 12 anos, deve ter sido um marco na sua vida!

[Irmã Maria]: – Não, por acaso não me lembro de nada em especial. Eu quando entrei na congregação não fui para estudar.

[MJ]: – A Irmã disse que não gostava de estudar, mas tem uma licenciatura em ciências Biológicas, correto?

[Irmã Maria]: – Sim senhora, e com muito boa nota, uma boa classificação. E nesse tempo que estive na universidade em Lisboa tive na mesma casa com a Madre Luiza Andaluz e convivi com ela aqueles anos, sempre muito bem, disposta, sempre muito interessada, por tudo e por todos, muito alegre, ela já nessa altura ela já fazia desenhos, ajudava nas catequeses.

[MJ]: – Tem assim alguma recordação de quando vivia com a Madre Luiza Andaluz, assim alguma memória?

[Irmã Maria]: – Uma memória que eu me lembro, isto já depois de ter saído de la quando ia a Lisboa ia sempre visitá-la e quando a minha mãe faleceu eu disse-lhe que ela tinha falecido e a madre Luiza Andaluz diz assim ("Ai! tua mãe é que era santa, quem me dera ser como ela") eu fiquei de rastos de facto, pois a minha mãe foi uma mulher que marcou muitas gerações, porque a minha mãe foi também professora. Era uma pessoa muito alegre a Madre Andaluz. A madre fundadora fazia sempre umas cruzinhas na testa, para ver se toda a gente quando ia lá queria as cruzinhas da Madre fundadora e quando ela já estava acamada eu perguntei lhe se ela me deixava fazer as cruzinhas e ela disse me que sim, coisas que não esquecem.

[EL]: – Na altura que você foi professora, como é que conseguia por ordem nas turmas por onde passou?

[Irmã Maria]: – Sim eles precisavam de ordem, mas eu lembro-me que às vezes quando eles estavam muito excitados eu abria a porta da sala de aula e depois tínhamos um corredor grande, em que eu levava os alunos comigo a dar uma volta e assim que chegávamos elas voltavam logo amansadas (risos) houve alunas que foram para o liceu que não esqueciam das minhas aulas.

[EL]: – Isso é um bom sinal, significa que criaram algum carinho, a Irmã há pouco falou que gostava muito da parte da investigação, porque não ter ido então para a parte da investigação?

[Irmã Maria]: – Eu não fui para a investigação depois porque de facto tive de dar aulas e não podia faltar a esse compromisso porque era mais necessário (vocês conhecem Santarém, conhecem o Instituto Politécnico, esse era o meu colégio)

[MJ]: – Muito bem, nós estamos aqui em turma, quer deixar-nos alguma mensagem ou conselho?

[Irmã Maria]: – Ora bem, uma mensagem é que estudem e sejam boas alunas e que de facto

tenham como visão também transmitir os vossos valores humanos e cristãos nas vossas aulas.
[MJ]: – Olhe gostámos muito de falar consigo, neste bocadinho, esperamos que também tenha gostado e queríamos desejar as felicidades e as boas festas.
[Irmã Maria]: – Eu é que não tenho palavras que cheguem para agradecer desta oportunidade, recordar coisas do passado que nunca se esquecem.
[MJ]: – É sempre bom e bonito. Terminamos por aqui muita saúde, bom ano e bom Natal!
[Irmã Maria]: – Para vós muitas felicidades, para os vossos estudos e nas vossas profissões, que sejam transmissoras dos valores humanos e cristãos às pessoas.
[EL]: – Bem-haja!
[Irmã Maria]: – Bom dia com alegria!

Vitória
da Fonseca Alves

Nasceu a 02/06/1942 no lugar do Janardo, paróquia dos Marrazes, concelho e diocese de Leiria. Entrou na Congregação a 22/09/1969, iniciando o Postulantado a 01/10/1969 e o Noviciado a 08/04/1970. Fez a Primeira Profissão a 01/10/1972 e a Profissão Perpétua a 31/07/1977. De 1972 a 1974 fez a formação básica, o Curso Geral de Catequese, com Estágio, e o Curso Básico de Teologia. De 1974 a 1976 frequentou e concluiu o Curso de Auxiliar de Educação, no Porto.

Entre 1976 e 1979 trabalhou como educadora no Jardim de Infância da Ereira, Cartaxo, e de 1979 a 1986 na Ilha das Flores, Açores. Regressando ao Continente exerceu a função de Auxiliar da Mestra de Noviças até 1988, e neste mesmo ano integrou a Comunidade de Bruxelas, na Bélgica, ao serviço dos migrantes até 1990.

De 1990 a 1999 foi coordenadora geral no Centro Social Paroquial em S. João das Lampas.
Em 1999 assumiu o cargo de Diretora da Casa de Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima, passando em 2008 para a Casa Mãe, Santarém, no serviço às Irmãs idosas e doentes, até 2014. Nesta data foi integrar a Comunidade do Luxemburgo, ao serviço da população migrante.
Em 2019 regressou a Portugal e integrou a Comunidade da Fundação Luiza Andaluz, em Santarém, onde atualmente reside.

Conheceu Luiza Andaluz como membro da Congregação por ela fundada e nos diversos contactos que com ela estabeleceu durante a sua estadia na Casa de S. Mamede, em Lisboa.

Entrevista à Irmã Vitória Fonseca Alves

Entrevistadores: Mafalda Leitão (ML), Rita Tomás (RT), Eduardo Vasconcelos (EV), Isabel Bernardo (IB)

Dia 10/12/2020

[ML]: – Como eu faço aqui a parte de que me compete as apresentações, a Irmã Vitória Alves, agora o grupo já não sei o nome um é o Eduardo e a?
[RT]: – Rita, somos só dois hoje!
[ML]: – Desculpa não percebi o teu nome.
[RT]: – Rita!
[ML]: – Ah é a Rita e o Eduardo e a Irmã Vitória e, portanto, a Irmã Vitória é uma Irmã muito querida, nós ao pé dela estamos sempre muito bem, portanto vocês também vão estar muito bem, não é Irmã Vitória? Nunca nos sentimos assim envergonhados nem nada assim ao pé dela, porque está sempre a tentar pôr-nos ok, o que ela puder fazer, ela faz sempre e por isso vai correr bem. A Irmã também vai estar tranquila porque o Eduardo e a Rita são muito simpáticos que já tivemos a semana passada com todos alunos da turma e são todos muito simpáticos. A Isabel Bernardo é aqui nossa amiga colaboradora aqui no projeto do Centro de Conhecimento que a Irmã Vitória já deve ter cruzado com ela lá.
[IB]: – Já sim senhora, ofereceu-me umas laranjas.
[Irmã Vitória]: (ri-se...)
[ML]: – Muito bem. E professora que estava a falar é a professora Eunice, professora da turma que nos desafiou para este projeto. Então vá, vou passar a palavra ali para a Rita.
[RT]: – Bom dia! Eu gostava de saber porque é que começou pensou só entrar na congregação aos 27 anos?
[Irma Vitória]: – Muito bem, sim senhor. Então eu digo vos em poucas palavras. Aos 15 anos, eu quis, eu pedi ao meu pai para ir para a vida religiosa, queria-me entregar ao Senhor Jesus e o meu pai disse-me "És muito nova e ainda não tens maturidade suficiente para assumir uma responsabilidade dessas." Eu fiquei um bocadinho triste, chorei e mais não sei o quê, porque me queria entregar muito a Nosso Senhor e o meu pai disse "Espera mais tempo", entretanto nos éramos quatro, éramos quatro, já não somos, mas éramos quatro, quatro filhos e eu era a mais nova e os meus irmãos começaram a resolver a vida deles e eu fui ficando com o pai, quando chegou os 25, 26 anos, eu dos 15 aos 26 empenhei-me a fundo na vida pastoral da paróquia, catequese, jovens, encontros de catequistas, formação de catequistas, empenhei-me assim bastante. 26 anos mais ou menos, 25 anos eu comecei a falar com o meu pai a pôr outra vez o problema e ele ficou assim um bocadinho assustado, mas eu tenho que aqui dizer um pormenor, eu falo no meu pai, porque a minha mãe querida faleceu, eramos nós todos pequeninos, eu era a mais nova tinha 7 anos, fui ficando a acompanhar o pai, as coisas foram-se complicando para deixar o pai, sozinho, e a minha saída, os meus irmãos foram-se arrumando e

eu fui ficando. Entretanto ajudada com um sacerdote que me confessava, fomos procurando encaminhar a situação eu precisava de resolver o meu problema e as pessoas diziam "ah! mas se te casares, acompanhas o teu pai", mas não era esse o caminho. Eu sentia que Jesus tinha preenchido o meu coração, mais que qualquer outro amor que eu pudesse ter, pronto, ele cativou-me e como Ele me cativou já não havia mais nada, não havia outro caminho embora tivesse oportunidades para isso. Aos 27 anos eu disse "pai e agora?" pronto passamos assim bastante tempo a conversar sobre o assunto, como vai ser e como é que... e eu aos 27 anos dei o salto e fui para a Congregação que não conhecia de todo, mas porque alguém me falou, que estava no meu coração era precisamente este tipo de trabalho, este carisma que eu encontrei sem saber, era dar-me a Jesus, assim na ação apostólica, trabalhar nas Paróquias trabalhar num sítio onde fosse mais necessário, era este o meu grande objetivo e fui assim mais tarde, por este motivo para ir indo acompanhar o pai. Não sei se precisa de mais.

[EV]: – Muito bem.

[RT]: – Muito interessante.

[EV]: – Ao longo do seu do seu tempo na congregação você conheceu a Irmã Luiza Andaluz certo? Qual é que era a vossa relação entre as duas?

[Irmã Vitória]: – Como??

[EV]: – A sua relação entre a Irmã Luiza Andaluz, como é que era?

[Irmã Vitória]: – A minha relação entre a Irmã Luiza Andaluz, foi muito pouca porque eu entrei para a congregação em 1969, fiz o meu noviciado e só conheci Luiza Andaluz já estava no noviciado, já era postulante, pronto já estava no início da minha formação religiosa e aí conheci-a e já assim na sua idade um bocadinho avançada, ela tinha 92 anos penso, já nesta altura, mas o seu olhar, a profundidade daquele olhar, tocou-me profundamente, dava-me a sensação que aqueles olhos penetravam e viam o que estava no meu coração e depois também as suas palavras doces, meigas que nos davam assim uma serenidade grande e foi isto que mais, este contacto que mais profundo que eu tive que Luiza Andaluz. Que me preencheu muito.

[RT]: – A Irmã Vitória já me falou que teve sempre a motivação religiosa na sua vida desde pequenina que pensou desde criança?

[Irmã Vitória]: – Desde, criança praticamente, eu, a gente tem muitas coisas né, na nossa história, muitas coisas bonitas e eu tive a graça de nascer numa família cristã, uma família de prática religiosa que se preocupava bastante com a nossa formação cristã e de pequenina eu comecei a gostar de rezar uma oração, foi aquilo que me acompanhou toda a minha vida e não perdia tempo, até mesmo na minha lida da casa quando andava mais crescida a trabalhar, eu gostava de aproveitar o tempo e indo rezando, conversando com o Nosso Senhor ia conversando, como um amigo e aqui fui formando uma vontade muito grande na oração, e na luta do meu discernimento vocacional que foi assim uma luta "fortezinha", eu tive uma perceção muito grande "Ele estava comigo" porque os meus pais, o meu

pai sobretudo também me encaminhou sempre nesta linha, na vida de sacramentos, de respeito pelas pessoas, os valores humanos e cristãos e aqui tive sempre uma motivação muito forte para seguir Jesus porque era a Ele que eu queria servir e amar.

[RT]: – A Irmã Vitoria, nós vimos, deram-nos um bocadinho da sua história e vimos que teve nos Açores teve no Luxemburgo, pode-nos contar algumas memórias que teve?

[Irmã Vitória]: – Estive nos Açores, 7 anos e meio quase 8, na ilha das Flores eu tinha ido lá num ano, dois anos antes ou três, numa missão apostólica à ilha do Corvo, que é a ilha mais pequenina do arquipélago e fui lá, foi um entusiasmo muito grande, de descobrir, de ver, de apreciar, foi assim como que, foi muito bom, sobretudo nesta ilha. Depois passados uns 2 anos ou 3 a congregação enviou-me para as Flores que onde tínhamos já lá uma comunidade, confesso-vos que o que me custou mesmo muito deixar o trabalho onde estava que também gostava muito, trabalho apostólico noutra paróquia, mas ir para os Açores aquilo era assim uma coisa (gesto com as mãos).O meu pai quando lhe diz-me assim “oh filha” agora assim para vocês se rirem um bocadinho “tu estas muito mal” e eu “eu, não pai, acho que não!” “então quem vai para as ilhas são os desterrados, aquelas pessoas que têm que cumprir uma pena!” (risos). Estive lá e apanhei lá um “sustezinho” o grande que foi o tremor de terra nas ilhas em 1980 a 1 de janeiro e aí prontos foi um susto grande, mas depois adaptei-me àquela gente, àquele povo, aquele meu desejo de dar, de me dar, de me receber e recebi muito daquela gente e foi um trabalho muito bom. Trabalhávamos a nível pastoral, a nível social também e foi um tempo muito bom. No Luxemburgo, só há estes dois sítios, no Luxemburgo, um trabalho aliciante, trabalhar com imigrantes na formação catequética, pastoral, casais, acolhimento a imigrantes, tudo o que possa aparecer e esse trabalho aí foi muito compensador, pastoralmente muito compensador. Uma das comunidades onde eu gostei muito de trabalhar porque as pessoas acolhiam, acolhiam bem a mensagem sentia-se que estavam sedentas e colaboravam muito, muito, connosco em tudo, tudo, era só abrir a boca, olha temos esta iniciativa, as pessoas estavam lá logo a trabalhar, foi um trabalho muito bom.

[RT]: – Obrigada por nos contar! Tem alguma memória, história do seu tempo na Congregação? Um episodio especial?

[Irmã Vitória]: – Tenho várias histórias na vida, já vai em 50 anos de vida consagrada, tenho várias histórias, mas uma história que eu gosto de referir é além de outras, é a perceção da presença de Deus na minha vida, como ele me tem conduzido, como ele me tem acompanhado, como o tenho sentido a sua presença. Ligado a isto, quando foi para os Açores, tivemos várias peripécias no caminho, porque os aviões não eram assim tão fáceis, tivemos retidas, éramos um grupo de 4 Irmãs íamos em missão, nesta primeira vez e o avião fazia escala, ia daqui para a Terceira, Terceira, Faial ou São Miguel e depois Flores andava aos saltinhos, mas quando chegamos às Flores,

éramos um grupo de gente ainda nova, não havia barco porque o mar estava imensamente bravo e o senhor que nos devia de levar numa lanchazinha lá por mar adiante, não tinha, era uma lança pequenina e não ia arriscar levar-nos. Entretanto ficámos ali também uns dias, mas apareceu lá um faroleiro, um barco grande que andava a visitar os faróis no mar e o senhor que nos havia de levar pediu se o barco de militares nos levava ...(ruído)... e disseram que sim e aí vamos nós, numa lanchazinha às 5 horas da manhã para o barco grande, atravessar um bocado do mar, para chegar lá ao barco grande e meter-nos num barco, com militares, são militares e pronto fomos. Era uma travessia que levava, pouco tempo atravessar, levou 3 horas num canal e aí, foram 3 horas porque o mar estava mau e tinham arrancado uma âncora, ao desancorar o barco e uma âncora do século 17 e queriam muito trazê-la para Lisboa, para o museu, mas perderam-na no caminho a desancorar (risos). Mas foi interessante esta experiência, numa de força, coragem, entusiasmo de irmos para uma missão, isto é uma coisa que me marcou logo assim no meu princípio, porque exigiu muito.

[Rita]: – Uma aventura!

[Irmã Vitória]: – De mim e das Irmãs que iam comigo, mas fizemos isto com uma alegria que nos transcendia, esta capacidade de entrega de irmos, de ir, ir! Assim com toda a coragem e esperança porque sentia a força de Deus que estava comigo nessa altura e sempre e sempre! Tenho sentido realmente a presença de Deus na minha vida.

[EV]: – Tenho mais uma perguntinha para a Irmã. Em 1976 a 1979 a Irmã trabalhou no jardim de infância na comunidade de Ericeira, o que é que a Irmã ensinava às crianças

[Irmã Vitória]: – Na Ericeira não, São João das Lampas?

[EV]: – Certo...

[Irmã Vitória]: – Ereira, Ereira!

[EV]: – Ereira, eu é que li mal, desculpe.

[Irmã Vitória]: – Foi a minha primeira comunidade, assim depois com, com... já lançada na ação apostólica, aí foi uma experiência fascinante, o senhor, o pároco que estava lá, foi nomeado para outra paróquia e nós a comunidade que estava ali, que foi nomeada para ali, tinha que assumir a pastoral da paróquia, portanto não ia ser enviado padre para ali e nos assumimos o trabalho pastoral e ia lá um padre de 15 em 15 dias celebrar. Havia uma outra paróquia chamada da Maçussa, que pertence à diocese de Lisboa e que estavam assim na altura de divisão das dioceses, diocese de Santarém e diocese Lisboa, nós íamos enviadas para a diocese de Santarém mas com o trabalho ainda, a segurar ainda o trabalho da diocese de Lisboa, Maçussa, Manique, São Pedro, algumas "paroquiazinhas" ali e na Ereira e recordo que foi-nos pedido, o trabalho era, catequese, formação dos pais para as crianças para o batismo, funerais, preparação de casamentos, todo o trabalho da paróquia e depois o senhor padre ia e realizava os sacramentos. Digo que a minha experiência pastoral também me preencheu muito foi esta, porque era o assumir

uma paroquia, éramos 5 Irmãs, uma paróquia e trabalho social que íamos enviadas também para um centro de crianças, um centro social é onde trabalhávamos e depois ao fim de semana a paróquia e recordo que, o primeiro funeral que nós tivemos que assumir naquela paróquia, nem foi na paróquia onde estávamos, foi na Maçussa, um senhor que faleceu lá na véspera de Natal e não tinha, na véspera ou antevéspera e não tinha pároco, padre, para lhe celebrar o funeral e nós Irmãs, estávamos ali há pouco tempo ainda, mas quisemos ir, associamo-nos àquela família que estava em sofrimento e rezar com eles um pouco e acompanhá-los. Acontece que quando íamos no caminho eu pensei assim "Oh! Irmãs e se eles não têm pároco mesmo, como é que vai ser? Aquele senhor vai assim para o cemitério?". Voltámos atrás, fomos buscar o livro, onde encontrávamos o ritual do funeral e fomos e não havia ninguém e nós fizemos o funeral, nem perguntámos se era preciso, autorização de bispos, olha fizemos, rezámos com as pessoas e fomos para a frente. Sei dizer que foi um momento muito forte, acompanhar aquela família, aquela gente, naquela situação de dor e partir dali olha foi o desencadear, depois ficámos, aquela não era a paróquia que estávamos, mas fazíamos as celebrações da Palavra, dávamos a comunhão às pessoas, todo o trabalho pastoral, muito aliciante.

[RT]: – Nós também vimos que a Irmã esteve no Santuário de Fátima, onde assumiu a missão de diretora, o que nos pode contar sobre a sua experiência como diretora da Casa da Nossa Senhora das Dores?

[Irmã Vitória]: – Olha a primeira alegria que tive nesta comunidade, onde gostei muito de estar e que me ajudou muito, foi além de outras, receber São João Paulo II, que quando foi na beatificação dos pastorinhos em 2000, eu já lá estava. Uma experiência que me ultrapassa em alegrias e consolações, também toda aquela dinâmica de acolher os peregrinos, os doentes, sobretudo aquela casa estava mais vocaciona para acolhimento, aos doentes, peregrinações de idosos, doentes e peregrinos, pronto e também era onde os senhores Bispos se reuniam sempre na conferência episcopal, como penso que ainda é. Este trabalho foi muito bom, um bocadinho difícil porque coordenar estas áreas todas não era muito fácil com outras ainda que tínhamos além de mais ali na linha social também, mas confesso, tenho só boas recordações do tempo que passei lá, da entrega que fiz de mim àquela ação pastoral, aquele trabalho, muito diversificado, mas muito rico só tenho boas experiências. Acho que foi um tempo ótimo.

[EV]: – Há pouco contou-nos que trabalhou no jardim de infância, que trabalhou com crianças, que metodologias que lhes ensinava, o que ensinava a essas crianças?

[Irmã Vitória]: (ri-se) – Trabalhei, depois de fazer o curso, na Ereira, no jardim de infância e depois nos Açores e em São João das Lampas, nestes onde trabalhei Ereira, Flores e São João, na Ereira para além do grupo que tinha na sala que eram 25 crianças tinha também a coordenação do centro, das outras salas e das outras educadoras e aí eu tinha acabado de fazer o curso, vinha

assim muito fresquinha, com muito entusiasmo fazer grandes coisas, mas as possibilidades era muito poucas, não havia dinheiro, não havia muitas condições, depois quando estávamos assim a lançar um trabalho já para começar a ter as melhores condições, fui para os Açores, mas todas estas experiências de relação com as crianças de fazer sentir despertar, ver despertar a vida, crescer, desenvolvimento, as atividades, para mim foram 3 anos na Ereira, foram uns 12 ou 13 anos de trabalho com crianças que me aliciou muito, além de ter de coordenar as instituições. Em São João das Lampas já foi um bocadinho mais leve já tínhamos uma coordenadora pedagógica, mas nos outros lados tinha que ser eu, mas foi muito bom, todas as experiências por onde passei foram belas e onde me senti sempre a dar aquilo que tinha de melhor, despertar religioso que gostava muito de fazer às crianças e fazia e vê-las com aqueles mimosinhos a trazer, encantador.

[EV]: – Já agora como é que a Irmã incentiva as crianças a aprender e a gostarem de aprender?

[Irmã Vitória]: – Pois, são os métodos pedagógicos que a gente tem de utilizar não é, com aquelas motivações que as encantam e aqui não é como agora, temos computadores temos essas coisas todas, mas nessa altura tínhamos que fazer trabalhos que as motivassem, jogos, canções, educação física que agora se chama na altura era fazer ginástica mas na sala arranjar os programas de motivações para elas fazerem os movimentos prontos, eu fazia uma sessão de ginástica com elas e tinha que fazer para cada ritmo que queria desenvolver, o correr, o saltar, o brincar, o baixar, o jogar, tinha que uma motivação e aí exigia trabalho nosso mas, a iniciação à escrita, iniciação à leitura, iniciação à matemática, todas estas eram com motivações que nós arranjávamos, tínhamos que arranjar, para lhe despertar o gosto pelas atividades e aqui também tinham, outras coisas, outros movimentos, gostava muito de cantar com elas, desenvolver o gosto pelo canto, desenvolver o gosto pela escrita, pela leitura, desenvolver aquelas "capacidadezinhas" que estão assim escondidas e que era preciso desenvolver.

[RT]: – Ainda não lhe perguntei, pode-nos contar como é o seu dia-a-dia na congregação?

[Irmã Vitória]: – O meu dia-a-dia agora já é um bocadinho mais debilitado, normalmente gosto de me levantar cedo e rezar cedo, pronto, a minha vida alimentar é a minha vida espiritual, não é para ficar arrumada, mas é aquela primeira hora do dia ser confiada ao Senhor e é quando estou mais descontraída, mais liberta de outras coisas e aí estou a sós com o Senhor e fico muito bem todo o dia, embora minha oração que se vai prolongando durante todo o dia. Mas, o meu dia é muito simples, agora na Fundação [Luiza Andaluz], faço menos porque tenho a saúde limitada, mas gosto muito de trabalhar e de poder desenvolver aquilo que ainda sou capaz de fazer, então vou fazendo o que aparece e que a Irmã Cristina vai pedindo, cuido da roupa, faço aquilo que aparece, com muita paz, muita serenidade, com muita entrega. Aquilo que sou capaz de fazer, ainda sinto até agora bastante vontade

trabalhar, bastante atividade, gosto muito de participar, almoço jantar, merenda, rezamos as vésperas,
rezamos as laudes de manhã e vou assim distribuindo o que tenho a fazer e o que sou capaz de fazer.
[RT]: – Para terminar pode-nos contar a nós e à turma uma história que a tenha marcado mais, que ainda não nos tenha dito.
[Irmã Vitória]: (ri-se) – Não sei já não disse tudo, uma história que me marcou mais, assim que marcou mais, cada uma na sua época, quando fui para o noviciado, podeis imaginar, vocês já são assim grandinhos, a separação do pai, dos amigos, da família e sobretudo de deixar o pai sozinho, foi assim uma dor muito grande e foi aqui eu comecei, que comecei não, que me senti bastante as mãos de Senhor Jesus a conduzir-me, porque o meu pai ficar sozinho era uma angustia para mim, o meu coração ia retalhado mas havia uma força dentro de mim, que me dizia "É ali !" e eu quando ia a subir a escada para a casa do noviciado naquela altura dei no patamar da escada, com uma imagem de Nossa Senhora e olhei para ela e disse "Mãe, cuida do meu pai" e fiquei como descansada embora que com o coração aflito, mas fiquei como que descansada porque tinha entregue o meu pai, já o tinha feito mais vezes mas ali foi numa forma nova e diferente, a Mãe cuidava do meu pai, ela ia cuidar, e esta foi uma história que na minha caminhada me sossegou e que me tem acompanhado muito, os irmãos estavam na Alemanha dois estavam na Alemanha, e uma irmã, éramos dois rapazes e duas raparigas e a minha irmã estava em casa, mas casa dela, casada e foi de facto uma experiencia dura mas Deus superou pela sua bondade e misericórdia.
[RT]: – Gostámos muito de a ouvir! E muito obrigada por partilhar as suas memórias e muita saúde!
[EV]: – Muito obrigado!
[Irmã Vitória]: – Muito obrigada e desejo a todos que não tenham medo de escutar a voz do Senhor se Ele tocar à vossa porta, porque de facto só Ele vale.
[RT]: – Obrigada!
[Irmã Vitória]: – Isto em tempo de pandemia mais nos temos de agarrar, porque só Ele vale e é o que se pode fazer, obrigada gostei muito de estar convosco
[RT e EV]: – E nós consigo, obrigada!
[Irmã Vitória]: – Obrigada e felicidades para todos e bom Natal!
[RT]: – Igualmente e tenha um bom dia.

Maria da Assunção Pestana

Nasceu a 29/11/1933, no lugar de Gouvães, concelho de Tarouca, distrito de Viseu e diocese de Lamego.

Entrou na Congregação a 19/09/1959. Iniciou o Postulantado a 01/10/1959 e o Noviciado a 01/04/1960. Fez a sua Profissão Religiosa a 02/04/1962 e a Profissão Perpétua a 09/04/1968.

Completou o Curso de bordados Oliva, em 1957 e o Corte LUC em 1963. Concluiu o 5º ano da Escola Técnica e o Curso de Formação Feminina em 1967. Fez a especialização na Escola Josefa de Óbidos em 1969.

Após a formação inicial como Serva de Nossa Senhora de Fátima, integrou a Comunidade do Centro Social da Ericeira, como encarregada da Cantina Feminina, integrando de seguida a Comunidade do Centro Social Paroquial da Benedita como auxiliar da Escola Infantil e professora de bordados, de 1962 a 1970. De 1970 a 1972 integrou a Comunidade do Lar Andaluz em Santarém (atual Casa Madre Luiza Andaluz), como professora de bordados no Colégio Andaluz e no Centro Social Paroquial da Benedita.

Em outubro de 1972 integrou a 1ª comunidade missionária da Congregação em Mecubúri, diocese de Nampula, Moçambique, missão que desempenhou até 2005. Durante estes anos alternou entre as comunidades de Mecuburi e Nampula. Na primeira, na Formação à Mulher Africana, Catequese e outras áreas de pastoral, e em Nampula, como responsável num lar de estudantes (nomeada pelo Ministério da Educação Moçambicano). Deu, ainda, formação em costura e bordados aos alunos, rapazes e raparigas, que viviam no lar.

Após um ano sabático em Portugal, regressou a Moçambique em 2006, continuando a sua missão a nível de promoção humana, alfabetização e atividade pastoral, tanto nas Comunidades a norte de Moçambique: Mecubúri e Nampula, como mais a sul em Mavila e Maputo, regressando a Portugal em 2019. Reside atualmente em Moscavide.

Contactou várias vezes com Luiza Andaluz durante a sua formação. Recebeu, diretamente de Luiza a bênção antes de partir para Moçambique.

Entrevista à Irmã Maria da Assunção Pestana

Entrevistadoras: Teresa Santos (TS), Mariana Duarte (MD), Irmã Maria da Assunção

Dia 10/12/2020

[TS e MD]: – Olá bom dia Irmã eu sou a Teresa, eu sou a Mariana, nós queríamos saber se nos pode responder a umas perguntas.

[Irmã Maria da Assunção]: – Tá bem, muito bem. Com muito prazer.

[TS e MD]: – Muito obrigada. Então vamos começar. Podia dizer-nos em que consistiu a sua missão?

[Irmã Maria da Assunção]: – A minha missão não foi fácil de começar, não conhecia as Irmãs. Ia a Lamego, sou de Lamego. Depois eu ia comprar livros à livraria, mas não sabia que eram Irmãs. Ao meu pároco dizia sempre, aos meus pais não dizia nada porque senão era problema, eu aos 6 anos dizia sempre ao meu pároco ‘’eu quero ser missionária pronto eu quero ser missionária’’ ‘’ah não podes ser missionária por causa dos teus pais’’. ‘’Eu conheço uma Congregação, mas não é missionaria’’ como eu não tinha outra abertura marcou-me um encontro em que a madre geral ia lá a Lamego às Irmãs, atender as Irmãs e eu fui ter com ela. Era a madre Rosa. Eu pensei que me iam fazer muitas perguntas e eu pensava ‘’se calhar o padre não quer que eu vá porque eu não sou competente, não sou capaz’’ eu dançava muito sabem? Os meus pais são músicos, são todos da música, ainda agora as minhas sobrinhas são professoras de música, eu dançava muito. E eu assim ‘’bem ele se calhar eu tenho problemas para ser Irmã’’ eu via-as assim muito embrulhadinhas na cidade em Lamego, eu assim ‘’aquelas já vão para fora, olha!.. vão para fora ou não vão eu aceito’’ pronto eu cheguei, a madre Rosa marcou-me logo o dia em que havia de vir de Lamego pra Lisboa e eu vim. Tive um mês em casa a tratar do enxoval, mas não era difícil para mim porque eu tinha o enxoval para o casamento e aquilo estava feito e eu comprei mais umas coisas e vim pronto. Mas o meu ideal era vamos ver o que é que aconteceu então eu professei e no fim de 10 anos a madre geral, a madre fundadora, eu contactei muito com ela abriram ah… quem quisesse ir para a África, então eu escrevo uma carta, não me responderam logo, mas escrevi a segunda e lá fui eu. 1972 em outubro, lembro-me muito bem, no domingo das missões 23 de outubro. Então a minha vida, a minha paixão e o que me levou a este desejo mesmo durante noviciado? da formação era promover as pessoas e anunciar-lhes o reino, anunciar o reino de Deus, anunciar o Evangelho, aliás eu bebi muito de Luiza Andaluz. Na zona dos bordados e etc. a madre geral aceitou o meu pedido e eu levei sempre este ideal comigo, a promoção das pessoas e o anúncio de Jesus Cristo, isso dominava-me e em especial a mulher! jovens, a mulher e a família. Então a minha missão em África baseou-se nisto. Depois há aqui outra, ah não sei…. A paixão pelo Reino e

a entrega total da minha vida aos pobres. Então eu adaptei-me muito bem, eu comia com elas, eu fazia cursos às mulheres, 30 mulheres cada uma com a sua criança às costas a gritar a gritar e eu uma semana inteira eu dormia nesses lugares, eu dormia, comia com elas e vinha ao sábado à tardinha para casa muito fresquinha, às vezes cansada, mas ao outro dia de manhã bem... amanhã vou ficar por aqui não vou a uma comunidade longe, mas acordava já com vida e dizia ''aí não, vou, vou a uma comunidade''. Aconteceu-me isso no fim do curso que eu fiz às mulheres e fui a uma comunidade em que voltei com um Land Rover cheio de doentes, nesse domingo que eu tinha vindo de uma semana inteira de estar fora de casa, eu ia pronto não sei se é isto que vocês...

[TS E MD]: – Sim, sim, pode continuar.

[Irmã Maria da Assunção]: – É isto posso continuar.

[TS e MD]: – Sim, sim.

[Irmã Maria da Assunção]: – Pronto vocês põem as dificuldades aqui.. a Irmã Mafalda disse ''ah querem saber como é que a Irmã se sentiu e o que a fez voltar... Eu não voltei, eu vim... Mas, aqui a minha maior dificuldade era a malária. Sabem que eu cheguei a ter à volta de 12000 "alfabetizantes"? Porque estávamos no interior onde não havia nem telefone, nem eletricidade, nada, nada. As pessoas não sabiam ler, em especial as mulheres, então organizámos, quer dizer a nossa responsável de Moçambique organizou um programa de alfabetização em todo em todo o Mecuburi, que era como se fossem 2 distritos. Então eu palmilhei aquilo tudo, carradas e carradas de Land Rover cheio de: era quadros, era lápis, era cadernos, era tudo, comida. Então organizei ah! arranjei um monitor que preparei até em Nampula há umas semanas e ia comigo e nisto eu ficava, chegava a ir a 190km da casa da missão para dar "aaaaa" formação aos monitores, eu tinha aos 200 e tal monitores para aquelas 2 mil "aaa" povoações todas, então eu organizei-as por grupos e dormia uma semana dentro do Land Rover fechado, mas os senhores mosquitos, mordiam à mesma, eu punha uma esteira no fundo do carro e ali ficava e eles dormiam na capela. Portanto era a alfabetização a nível da Igreja, mas era para todos, muçulmanos, toda a gente, tudo o que é filho de Deus precisa de promoção. Nunca exclui ninguém, pelo contrário, tinha muitos amigos muçulmanos e amigas. E então eu apanhava cada malária que ficava mesmo, mesmo, mesmo, doente, muitas vezes a soro lá no hospital central, vinham-me trazer. A nossa Irmã Catarina que era uma que estava em Nampula eu vinha com aquilo e assim ''já sabes Assunção quando tu voltares aqui com estas poucas vergonhas com estas malárias eu digo ao «Pascal?» compra-te a viagem e tu vais para Portugal'' e eu dizia assim ''ahahah está bem''. Esta formação no princípio do ano em janeiro eu estava uma semana numa zona outra semana noutra zona, outra semana noutra, para o início da alfabetização. Ao meio do ano, 6 meses depois, ficava 4 noites, já, já, já, e comprava bicicletas para os responsáveis que iam visitar os vários grupos agregados, e foi essa a minha vida, feliz, feliz, feliz da vida, e então, eu mais tarde, eu não

sei quantos minutos tenho, posso continuar?
[TS e MD]: – Sim, sim.
[Irmã Maria da Assunção]: – Então, houve aquela parte da independência, não é, e ladrões, andaram lá em casa, eu andei com um punhal, aqueles punhais brancos que há que têm tudo metal, no pescoço, para dar dinheiro, nós não tínhamos dinheiro, não tínhamos dinheiro, mas podia encontrar algum dinheiro que eu não sabia que eu não era ecónoma, assim nós matávamo-nos se encontrar-mos dinheiro, onde é que está dinheiro, onde é que está dinheiro eu quero o dinheirinho, pronto passou aquilo, passou, entretanto eu vim para outra comunidade e tínhamos um ladrão dentro de casa, pronto, eu vim a férias e disse à madre geral à Irmã Inês, eu assim ó Irmã Inês custa-me tanto por que é que não, não, de despedir aquele empregado que eu estou sempre com medo, não sei quê não sei quê, dávamos-lhe um emprego comprávamos até cimento e tudo que ele sabia fazer esses blocos e tudo e fazia outro emprego, e a Irmã disse ai não podemos não pode não podemos não sei quê não sei quê, então a Irmã Inês disse assim pronto Assunção tu ficas cá ficas cá e eu fico cá? Sim tu ficas cá, e eu fiquei assim pronto mandaram a minha mala e eu gritei, gritei, gritei, quando vi a minha mala gritei chorei, chorei, chorei, chorei, chorei, e assim para onde é que tu queres ir, um lugar onde seja parecido, olha vais aos Açores, e eu fui para os Açores. Entretanto nos Açores, eu tinha um bichinho a morder sabem como quem namora e o namorado foi para a guerra eu tinha um bichinho, o meu lugar não é este o meu lugar não é este o meu lugar não é este, a madre geral foi lá visitar-nos aos Açores e eu arranjei um discurso muito grande, andei a rezar um discurso grande, grande, eu vou dizer à Irmã Inês eu não me sinto bem aqui há gente que dá comunhão aqui toda a gente sabe ler aqui toda a gente conhece Nosso Senhor, a imaginar isto que lhe havia de dizer sabem como é que é quando a gente quer alguma coisa da nossa mãe ou do nosso pai, eu vou-lhe dizer isto eu vou-lhe dizer aquilo eu vou-lhe dizer aquilo até os convencer, a madre geral nem me deixou proclamar o meu discurso, ouve lá ó Assunção mas tu queres ir, quero, queres voltar, quero, então e quando é que queres quando é que vais, eu vou já se espera arranjo a minha mala, e foi porque era assim outra coisa que eu lhe ia dizer, eu vou dizer à madre geral o bilhete de volta ainda está com forma posso voltar com o mesmo dinheiro, portanto eu tinha trazido bilhete de ida e volta e ainda estava para ir o “DIR” que é o documento de residência do país estava quase a caducar, então eu nessa semana voltei para Moçambique e voltei para aquele mesmo lugar onde fiz a minha experiência de missão, missão, missão. Voltei para lá continuei a desenvolver a desenvolver aquela gente porque eu tinha estado antes uns anos num lar pré-universitário no tempo da independência e eu voltei com nova energia a continuar a dar desses cursos uma vida linda agora eu digo-vos que eu sonho constantemente que estou lá eu sonho e estou a conduzir o Land Rover e estou a falar com as pessoas é muito engraçado e arranjei este lema, arranjei este lema para mim: esta é

a que ama os seus Irmãos e ora muito pelo seu povo, e vivo nesta dinâmica missionária aqui, eu estive um ano no Alentejo tenho amigos lá estão a ir para o céu e esta vida esta vida entregue porque eu vim muito doente agora a segunda vez eu vim e quem me dera ir voltar outra vez mas eu tenho a cervical que o meu pescoço não pode com a cabeça e de vez em quando estou assim a cair quase a desmaiar tomar banho daqui a pouco tenho de pedir à Irmã Rita para me ajudar a limpar que os braços estes braços estes ombros estão todos doridos porque eu gastei dois Land Rovers onde não há estrada onde é pumba, pumba, pumba, pumba, por baixo da ponte a água até aos faróis tumba tração é força mulher e vocês estão na idade de sonhar, sonhar, com coisas que valha a pena Luiza Andaluz foi assim e eu aprendi dela aprendi dela viver para os outros e para aqueles pobres onde ninguém liga onde não há documentos sabes o que eles fizeram depois de eu sair de "Mecubúri" era uma grande extensão e ninguém cuidava deles e havia muitas ONG´s depois de eu vir de eu sair uns 4 ou 5 que vim depois deram-me o diploma.
[TS]: – Você sem querer desligou o microfone, nós não a estamos a ouvir, já está, já está, obrigada
[Irmã Maria da Assunção]: – Então depois de eu ter saído desse grande distrito que construí um lar para 50 meninas e dormia com elas eu arranjava-lhes comida há histórias que ficam por contar não pensem que foi só isto não é foram 46 anos o tempo que eu estive fora foram 5 meses portanto 5 meses e as histórias, eu gostei muito de falar convosco porque a realidade de uma vida não é contos que não se passaram ou que se passaram além que a pessoa contou, eu vivi apanhei tantas malárias tantas malárias mas eu continuava sempre continuava sempre, a Irmã Catarina era muito minha amiga só me via chegar mesmo a morrer com a malária e assim a vida é bom aproveitá-la porque Deus é tão nosso amigo e há tanta gente que precisa de vós e de quem ame sabes que eles conheciam-nos pelo bom dia ou se nos davam um copo de água e nós pegávamos no copo de água e bebíamos
[TS]: – Desligou o microfone outra vez peço desculpa.
[Irmã Maria da Assunção]: – Tá cansado
[TS]: – Já está, já está.
[Irmã Maria da Assunção]: – Mas eu à bocadinho estava cansada e agora não estou cansada.
[TS]: – Isto quando se faz alguma coisa que se gosta.
[Irmã Maria da Assunção]: – Alguma pergunta que me querem fazer vocês mais?
[TS]: – Sim nós queríamos perguntar-lhe se nos podia falar um bocadinho de Luiza Andaluz como você disse que a conheceu muito bem e contactou muito com ela gostávamos que nos desse a conhecer.
[Irmã Maria da Assunção]: – Luiza Andaluz, eu vim de Lamego em 1959 e ela enviou-me. Luiza Andaluz enviou-me em 1972 para África e partiu para o céu em 1973, então em não vivi muito com ela porque eu andava sempre na Benedita e eu fui formadora de catequistas cursos etc, mas eu andei 2 anos em especialização na escola Josefa de Óbidos em Lisboa que é pinturas e artes e nós tínhamos assim uma coisa quando

chegávamos a casa íamos à capela visitar nosso Senhor e a seguir era a Luiza Andaluz que ficava mesmo a seguir portanto ela conversava muito comigo ela dizia assim, eu mostrava-lhe os trabalhos, as pinturas que fazia os bordados na escola Josefa de Óbidos e ela dizia assim e contava-lhe e ela dizia assim "Ai, eu gosto tanto de ver, eu também sabia esses trabalhos", e depois ela olhava-nos dos pés à cabeça e sorria-se muito, sorria-se. E eu dizia "Sabe Madre fundadora, eu hoje fui convidada na escola, que eram 2000 alunas, a falar, às alunas, fazer um encontro com elas, e falei isto, isto, isto – eram jovens, eu já era Irmã.", e ela só dizia assim "Ah, que bom, no meu tempo não se podia falar nessas coisas".

[TS e MD]: – Ahahahah!

[Irmã Maria da Assunção]: – Sabem, no namoro e nessas coisas que acontecem e pronto, nas nossas avarias. "Ai, no meu tempo não podíamos falar nessas coisas", era muito amorosa, e eu bebi dela. Bebi dela, bebi, ah, eu sentia-a comigo em Moçambique, é bom, eu sentia-a comigo, e nós as Irmãs connosco, ainda mais depois de ela partir para o Céu. É qualquer coisa, as dificuldades, e isto, e era o Land Rover que não andava, e era eu que tinha de passar porque tinha os monitores lá no tempo das chuvas, lá em Muite onde não há, onde era impossível. Ficavam às vezes intransitáveis para a gente passar, e a Madre fundadora estava sempre connosco, Luiza Andaluz, aquela mulher que se deu, vocês leem. Não é poema aquilo, não é poema. A minha vida não foi poema, mas um poema lindíssimo misturado com cruz. A vida de missionário é sofrimento e é alegrias, tudo à mistura. Quando vemos uma pessoa sofrer sofremos também, se pudermos dar a mão damos.

Eu ainda estive uns anos a dar um lar onde não se comia. Ao domingo se eu encontrava os alunos, foi a única vez que eu estive na cidade, encostados às paredes, eu sabia que eles não tinham comido nada no domingo. Por isso fazia projetos para os Países Baixos, etc., projeto que, olha, projeto de montagem de uma sapataria, porque não havia sapatos para vender. Não havia nada nas montras no tempo da crise. Uma sapataria, uma alfaiataria onde iam os rapazes e as raparigas, e uma cerâmica, porque para comerem eles arranjavam uma lata qualquer para receberem a sua comida. E quando às vezes não tinham lenha, que no tempo da guerra não tinham lenha, não tinham dinheiro para os fósforos, iam à minha, à alfaiataria, à sala de costura buscar dinheiro das coisas que eu fazia, e depois cheguei a ir sozinha lá fazer compras, por conta dos Países Baixos, que aprovavam todos os projetos que eu fazia, porque para o Norte ninguém pedia nada, e eu pedia tudo!

[TS e MD]: – Ahahahahahah!

[Irmã Maria da Assunção]: – Então, querem alguma pergunta mais?

[TS]: – Sim, tem algum sonho que ainda queira realizar?

[Irmã Maria da Assunção]: – Alguma?

[TS]: - Algum sonho, sonho.

[Irmã Maria da Assunção]: – Sonho?

[TS e MD]: – Sim.

[Irmã Maria da Assunção]: – O sonho agora é

estar aqui e ser missionária como Teresinha. Porque para voltar eu não aguento a viagem. Aquela Irmã, eu vim pensando que os desmaios que me davam era AVC, e que ficaria lá a dar trabalho, quando era da coluna, porque se eu tivesse essa coisa que, ah, já tivesse essa que, era da cervical, eu não teria vindo. E aquela Irmã que era superior, era moçambicana, já, ah, veio, ah, e não entregou o meu documento vitalício, que eu tinha de lá, com a esperança de eu voltar. Mas é que eu não aguento a viagem. Eu até escrevi para uma das Irmãs assim "Se Moçambique fosse 2h de voo, eu já estaria aí, mas como são 11h, eu fico afogueada, afogueada". Agora levanto-me, vou-me lavar com muito jeitinho, muito devagarinho, muito devagarinho, e depois, antes de vir para aqui, levantei-me às 6h30, tive de me ir deitar outra vez, que a minha cabeça já estava a cair, tipo desmaio. É a cervical que não sustenta o cérebro, e eu fico logo muito, muito, muito, eu não posso dizer que não estou com tonturas, eu estou sempre com tonturas permanentes. Estou a bordar, e aos bocadinhos vou bordando, e pintura também, pintura já, entreguei tudo, deixei tudo quanto tinha, tudo, até o Menino Jesus, não trouxe nenhum, deixei tudo. Tenho muitas amigas, muitas, muitas, muitas, deixei o menino Jesus que tinha, deixei tudo, os livros, deixei tudo. Agora nos meus anos, que fiz há pouco tempo, deram-me um Menino Jesus, e eu disse "Olha, vês? Já tenho outro, para fazer um presépio no meu quarto", na minha cela. E o meu sonho é esse agora, é rezar pelos missionários, rezar por vocês, para que esses olhos lindos estejam abertos para quem os tem bonitos. E sabem, a estátua de a imagem do coração de Jesus que eu tinha na minha terra, eu tinha o cabelo muito loiro, os olhos muito azuis, e olhava para ele e tinha os olhos azuis também, e eu disse "É este mesmo, este é o meu senhor, este é que vai ser.", então, quer dizer, entregarmos as nossas vidas, lindas, a quem é mais lindo do que nós, o que comanda este mundo, está bem? Olhem, eu desejo muitas felicidades, muitas, e o meu sonho, eu não sonho porque eu não vou conseguir aguentar 11h de avião. Eu quando vim para aqui ainda me encostei na cama depois de vestida! Foi! Porque estava-me a fazer, e eu disse "Não pode ser, tens que gritar!", e encostei-me aqui convosco, que lindas!

[TS e MD]: – Ahahahah!

[Irmã Maria da Assunção]: – É um sonho lindo que hoje a Mafalda me deu, um sonho lindo estar convosco, está bem?

[TS e MD]: – Também estamos a gostar muito de falar consigo! A Irmã foi auxiliar e professora infantil, tem alguma história dessa época que nos queira contar?

[Irmã Maria da Assunção]: – Eu fui mais, eu fui educadora de infância, não foi, eu fui professora de, de, de artes e de bordar, de costura e de bordar à máquina. Eu quando vinha bordava colchas, parecia que estava a sonham, tum tum tum tum, e depois o meu pescoço também está assim, de olhar para a máquina. Eu fazia a bordar, bordados *matiz e richelieu* à máquina, que eram um sonho, parecia uma pintura de coiso. Foi mais as minhas artes.

[TS]: – E tem alguma história dessa época, que tenha acontecido, que nos queira contar?
[MD]: – Assim algum episódio mais, mais relevante, mais engraçado.
[Irmã Maria da Assunção]: – Na África ou aqui?
[TS]: – Aquele que nos queira contar, aquele que achar que, que é mais engraçado para nos contar.
[Irmã Maria da Assunção]: – Olha, eu conto-vos um, mas não é lá tão engraçado. Um dia estavam para ah, uma mulher, uma jovem do lar que tinha problemas e, tinha problemas e não sei o quê, e estavam para ser julgados e estava lá uma confusão. Então sabem o que é que eu me lembrei? Eu estava na presidência, estava na presidência, então, não levaram nada, eu não levava nada preparado, agora vejam lá o que é que eu me lembrei, eu tenho outras histórias, esta é que me veio já, e, então aconteceu o quê, "O quê, mas os rapazes, nunca ninguém os acusa, e fazem tantas malandrices para aí, como é que é?", então o que é que eu me lembrei, num lar, onde me tratavam por Dona Assunção, porque não podiam chamar Irmã, porque ali não queriam nada com Deus, e eu estava no lar, e tratavam-me por Dona Assunção, e o que é que eu me lembrei. Olha, pedi 5 voluntários, rapazes, 5 voluntários, "Venham aqui ao pé de mim.", e convidei uma jovem também "Chega aqui.", então contei de cor, contei de cor, aquela passagem do Evangelho em que acusaram, levaram a mulher adúltera para a condenar, e Jesus pôs-se a escrever no chão, as malandrices que com certeza cada um fez, e deixaram a mulher sozinha, e disse assim "Então ninguém me condenou?" e ele disse "Não, também eu não te condeno, vai lá embora.". Eu fiz essa cena, diante daqueles que não me chamavam por Irmã! Era juízes, era tudo "O quê, o quê?" e eu assim "Olha que esta!", e as moças diziam assim "Irmã, os rapazes andam sempre…", eles tinham duas escadas, uma escada para os rapazes que subiam para ali, e outra escada para as meninas e elas iam para ali. "Irmã eles andam sempre a fazer… Agora no fim disso eu disse-lhes assim, "Podem-se sentar" e não lhes voltaram a fazer mais nada. E há outras histórias muito bonitas, em que eu subia às montanhas e punha-me a cantar, cânticos que eu sei bonitos e punha-me a cantar lá em cima onde via. E com as moças então, eu tenho muitas histórias com as miúdas do lar, essas eu brincava com elas. Ainda uma, antes de me vir embora, eu já não podia muito com a minha cabeça, pus-lhe muitas prendas, um lenço, uma …… toda embrulhada e a dançar comigo, "Caminhando eu vou para…… Caminhando eu vou para …… (a cantar)" Agarrada a mim e eu assim "Violeta deixa-me que vou cair" e ela "caminhando eu vou …… (a cantar)". Eu era muito alegre e muito dançarina e continuei sempre. Há muitas coisas lindas.
[TS]: – Deu para ver que gostou muito de estar em África.
[Irmã Maria da Assunção]: – Muito, apaixonada, muito. Sabem que os pobres prendem muito a gente, os pobres entram no nosso coração e não passa mais. Nesse lar que eu orientei alguns anos, um rapaz que ia ficando sem braço, porque ia ao hospital e davam-lhe uma coisinha e

ia-se embora, e diz que era para cortar o braço. Eu peguei nesse rapaz, e a 30 quilómetros havia um hospital que as Irmãs ..... orientavam e levei-o à enfermeira e o rapaz salvou-se. Era 11º e 12º. Mas há muitas histórias dessas, muitas, muitas, histórias. Os desnutridos, as crianças desnutridas, os leprosos. Por exemplo uma dessas vezes que eu cheguei a casa cansada e disse, no outro dia não vou. Então eu curava leprosos, depois, na vinda tinha dois grupos de leprosos a atender no caminho, antes de chegar a casa, eu cumprimentava-os, como se não fossem leprosos e depois distribuía, distribuíamos os comprimidos, açúcar, sabão, faz muita falta por causa da higiene e essas coisas indispensáveis para eles. Quer dizer há muitos milagres que se fazem, que Deus faz através de nós. Eu era uma ninguém, dinheiro eu não queria nas minhas mãos. As vezes ia para ..... fazer compras, e a Irmã Delfina, que ainda lá está em Moçambique e ela dizia-me "A Irmã leva dinheiro?" e eu "Ai! já me esquecia de levar dinheiro". Mas de resto eu andei sempre envolvida nessas coisas, os indianos que eram os comerciantes lá que tinham muito dinheiro, eu tinha-lhes ensinado bordados, e às filhas quando tive no prédio universitário nesse lar, e esses, eu enchia carros de comida para o lar e perguntavam-me o que precisava e eu dizia "eu preciso de óleo" e arranjaram cem litros de óleo. E enchia o carro, de sacos de arroz, sacos disto, sacos daquilo. Eu andei mesmo com Luiza Andaluz, em documentos não se fala, junto dos governadores e dessa gente lá e as palestras que me deram o diploma de honra, eu fazia essas palestras sobre a dignidade da mulher, o valor da mulher, sobre a alfabetização, sobre os pobres, quando se reuniu em Mecuburi, para o desenvolvimento com as ONG eu era convidada para fazer as palestras e depois às vezes escreviam nas publicações assim " estivemos com o tema a mulher na sociedade feito pela oradora Maria Assunção". Como eu tinha muito bom ouvido para a música, já de família, eu imitava, eu já falava, por exemplo em vez de dizer "aquela anda a falar mal de mim" eu dizia "aquela anda à minha atrás" à minha atrás que é como dizer que me está a perseguir. Eu aprendia todos os tons de eles a falar e ainda é assim, às vezes a minha sobrinha, eu vinha às férias e as minhas sobrinhas que agora são professoras também de música e diziam "A tia dá tanto pontapé na gramática". Mas é assim há coisas lindas e engraçadas, eu fazia teatro com elas, dançávamos, íamos subir a montanha. E tive muita pena quando me despedi, vieram e vieram, são doutoradas agora. Tem quatro médicas em Maputo, passaram pelas minhas mãos, e uma delas é ministra da saúde, diz que deve vir aí a Lisboa para me ver. E a minha médica de cardiologia é a Ivone que andou a aprender comigo as artes, mas tenho muitas histórias lindas. Outra que eu lhe arranjei uma cama, casaram-se, e essa é doutora dos doutorados, essa arranjei uma cama, e um fato para o casamento, e uma cama que uns portugueses nos tinham deixado de casal, era a Inês Raimundo, então ela ainda tem a capa e disse-me "Assunção o meu marido ainda não quer trocar de cama porque foi aquela que a Irmã Assunção

nos ofereceu". Eu vim a chorar de facto, mas este chorar é de quem se deu e de quem se dá agora. Mas é assim a vida, linda.

[TS]: – Gostamos muito de falar consigo infelizmente temos de terminar, mas gostamos muito deste tempinho em que estivemos a falar consigo e muito obrigada por ter partilhado as suas histórias.

[Irmã Maria da Assunção]: – As minhas histórias que são realidade mesmo da vida, muitas felicidades para vós, muita esperança na vida, vale a pena dar a vida, se for para casamento, sejam felizes. Se há coisa que magoa mais é a violência doméstica, por isso sempre trabalhei muito na família cá e lá também. Rezo por vós, vocês ficam no meu calendário de oração.

Maria do Céu Marçal

Nasceu a 16/02/1931 em Maljoga, paróquia de Várzea de Cavaleiros, concelho de Sertã, distrito de Castelo Branco. Entrou na Congregação a 23/03/1949, tendo iniciado o Postulantado a 01/04/1949 e o Noviciado a 01/10/1949. Fez a Primeira Profissão a 02/10/1951 e os Votos Perpétuos 02/10/1957.

Concluiu o curso de Iniciação de Educação Física, o curso Auxiliares de Educação e o Curso Elementar de Catequese. Após a sua formação como Irmã, integrou a Comunidade da Casa Véritas, na Guarda, exercendo serviços internos até 1953, data em que foi para a Comunidade da Gráfica de Lamego, como ajudante de cozinheira e refeitório, até 1955.

De 1959 a 1990 trabalhou como educadora em diferentes centros sociais, especialmente com a infância, mas também com idosos. Trabalhou ainda na catequese e noutros sectores da pastoral em: Valado dos Frades, S. João das Lampas. Ereira (Cartaxo), Alcoruchel (Torres Novas) e Chancelaria. De 1990 a 1995 integrou a comunidade de Tremês, Santarém, como professora de Religião e Moral nas escolas do 1º Ciclo até 1995, data em que regressou à comunidade de Valado dos Frades como coordenadora do Centro de Dia, até 2005. Neste mesmo ano regressou a Tremês dedicando-se à catequese a crianças. Em 2010 passou a residir na comunidade da Quinta do Candeeiro, Moscavide, exercendo trabalhos internos. Reside, atualmente, na Casa Mãe, em Santarém.

Conheceu e contactou frequentemente com Luiza Andaluz, durante o exercício da missão que lhe foi confiada.

Entrevista à Irmã Maria do Céu Marçal

Entrevistadoras: Teresa Santos (TS), Bárbara Vaz (BV), Mafalda Leitão (ML), Irmã Maria do Céu

Dia 03/12/2020

[TS e BV]: – Olá, bom dia!
[Irmã Maria do Céu]: Bom dia!
[TS e BV]: (Teresa) – Eu sou a Teresa, (Bárbara) – E eu sou a Bárbara e nós vamos fazer-lhe umas perguntas.
[ML]: – Olhe Irmã, nós temos aqui, a Teresa estava a começar a apresentar-se, que um grupo de alunos do Instituto Politécnico de Tomar querem fazer umas perguntas à Irmã está bem? Eu vou passar a palavra a eles.
[Irmã Maria do Céu]: – Onde é que elas estão?
[ML]: – Elas estão em Tomar!
[TS e BV]: – Estamos numa sala, numa escola.
[Irmã Maria do Céu]: (coloca fones auriculares para ouvir melhor)
[TS e BV]: – Está a ouvir-nos melhor?
[ML]: – Ora então Irmã Céu, a Teresa e a Bárbara, são alunas do Instituto Politécnico de Tomar e vão então fazer-lhe umas perguntas à Irmã, pode ser?
[Irmã Maria do Céu]: – Sim, se eu ouvir.
[TS]: – Então a Bárbara vai começar-lhe a fazer as perguntas.
[BV]: – A Irmã ingressou na Congregação em 1949…
[Irmã Maria do Céu]: Foi! E quem me recebeu foi Luiza Andaluz
[BV]: – Qual é que foi o motivo pelo qual a Irmã ingressou?
[Irmã Maria do Céu]: Eu ouvia falar muito nas freiras, mas eu não gostava delas freiras que às vezes lá passavam com uma criança a pedir esmola, e eu disse ao meu pai, eu não quero ir para ali, o meu pai, que Deus tem, ajudou-me muito! Eu tenho já escrito num papel, que ele foi meu diretor espiritual, meu pai querido, Luís Marçal, e ele fazia-me tantas perguntas, tantas perguntas, vais para isto ou para aquilo? Vais para aquilo, vais para ali… e eu dizia tudo, e ele dizia – Eu não quero que tu vás errar! Eu vou-te ajudar em tudo, tu tens de dizer só sim ou não e acrescentar se fosse preciso. (risos)
[BV]: – Ah muito bem! Então ele ajudou-a a entrar na Congregação.
[Irmã Maria do Céu]: – Muito Muito, porque eu pedi-lhe! Fui eu que lhe pedi! E ele olhou para mim e disse assim – Se tu queres ir para freira, tens de pensar muito e tens de rezar o terço todos os dias com a mãe e com o pai. Eu às vezes ia para brincadeira, eu fui sempre assim muito mexida, muito viva! O meu pai dizia – Não! Primeiro a seguir à ceia é o terço! E hoje vais rezar o terço com a mãe e com o pai!
Os meus Irmãos já não estavam lá, é a vida. Mas sou muito feliz! Enche-me o coração de amor e de alegria.
[TS]: – Ainda bem! Gostamos muito de saber isso!
[Irmã Maria do Céu]: – É claro que a saúde já não é a mesma, (risos), eu quero, mas o resto não vai, ainda vai bem, mas faço tudo o que posso para ajudar a comunidade na oração e no estar presente.

[BV]: – Isso é ótimo!
[Irmã Maria do Céu]: –Realmente, fui sempre uma pessoa muito mexida, uma vez um senhor Padre foi passar uma tarde com a minha mãe, a minha mãe tinha assim um terraço, e no final disse-lhe a ela, – Ó Ti Martinha, um dia quererei saber onde esta (Irmã Céu) irá dar! (risos)
E depois mais tarde disse, fui dar numa freira. Eu toda a vida gostei muito de ler, e ainda hoje gosto muito de ler, e tenho feito muito bem para minha emenda e também para ajudar outros, que estejam comigo ou que precisem, não é?! É a vida! A vida é uma flor!
[BV]: – Claro que é! A Irmã Maria do Céu sempre teve esta vocação de crer entrar para a congregação?
[Irmã Maria do Céu]: – Sim, desde criança, na escola, quando era no recreio, os rapazes iam assim, – Aquela não tem namorado. Havia um jardim, eles passavam ali no jardim e diziam, – Tu vais para freira! E eu respondia-lhes, – E tu vais para Padre! E foi certo, pouco tempo depois de entrar na Congregação, quem me recebeu foi Luiza Andaluz, hoje e antes, ela foi a minha mãe Santa! Uma Santa mãe que eu tive.
[BV]: – Então a Irmã Maria conheceu Luiza Andaluz, pode falar um bocadinho sobre ela? Pode falar um bocadinho sobre a sua relação com ela?
[Irmã Maria do Céu]: – Luiza Andaluz foi quem me recebeu como apostólica, não sei se foi nesse tempo, na fundação! Nessa altura estava na fundação, e eu nessa altura disse ao meu pai, realmente que queria ir para freira, o meu pai foi o meu diretor espiritual que me deu muito prazer e muita alegria, ele fazia-me sempre muitas perguntas, – Vê lá se vais por isto ou se vais por aquilo, não quero que tu vás enganada.
E então quando chegou a altura, diz-me ele assim, – Então ficas cá ou vais para freira? Ó meu pai, eu gostava de ir para freira, mas não sei o caminho. Ele veio assim, – Não te preocupes, eu vou-te lá levar, eu é que me preocupo contigo e eu não quero que tu vás enganada!
Ele mais um outro senhor, fomos até à Sertã que era a central, mas o meu pai disse, – Não, eu vou-te levar ao colégio! E eu disse, – Tá bem, então está bem, e o pai não se importa? Ele respondeu, – Não querida, eu só quero que todos sejam felizes e que não enganem ninguém nem e ajudem-se todos quando precisarem.
E então, quem é que me recebeu na fundação? Luiza Andaluz, que eu considero uma segunda mãe, lá em baixo está um grande painel (ecrã do computador congelou, não é possível reter o que a Irmã terá dito)... Luiza Andaluz tratou de mim sempre como se eu fosse filha, e eu estou a dizer isso e sinto o meu coração a saltar!
[BV]: É sempre ter bom ter amigas dentro da congregação!
[Irmã Maria do Céu]: – Muito! E como eu andava sempre a tomar conta de um Irmãozinho meu, fui poucas vezes à escola e, portanto, não ia aos exames, mas houve uma vez que eu fui à escola e há um jovem que diz assim, – Ó Céu tu queres ir para freira, não é? Eu disse, – Pois quero! E ele diz assim, - Então e tu Carlos? – Não sei. – Então pronto, eu vou para freira, e tu Carlos, vais para padre? – Tu és homem! – Se tu és homem vais

para padre. E foi verdade! É o padre Cardoso (...) Castelo Branco. Então é o meu pai é que, que me levou (...) do meu pai! E meu pai disse-me assim, – Foste descansada, (...) mas tu esperes sempre! – Eu quero saber o que se passa contigo. Isto foi verdade, – Eu quero saber o que se passa contigo. E isto ajudou-me muito, muito, muito. E depois lição da (...) fez-me mesmo uma mulher, uma mulher, pronto deixa-me falar filha. Porque eu não tenho exames nenhuns, porque, e ficava a tomar conta dos meus Irmãos, e então Luiza Andaluz foi logo, – Tu vais fazer a (...) a quarta...
[TS]: – A quarta classe.
[Irmã Maria do Céu]: – Antes da (...) o que é?
[ML]: – Terceira e Quarta.
[Irmã Maria do Céu]: – A terceira e quarta classe. E eu, pus-me a chorar, e eu não gosto de estudar, nunca aprendi nada, – Quem cuida de ti sou eu. Eu tava um bocadinho assim, – Tão, quem vai cuidar conta de ti sou eu. Então, todos os dias, que ia lá ao seu escritório, levar o pequeno-almoço, dizia-me assim, – Põe aqui o "tabuleirozinho", e tu senta-te aqui ao pé de mim. Eu ficava tão contente (risos), e a companhia daquela senhora, parecia mesmo a minha mãe, eu acho que ela era a minha segunda mãe.
[TS]: – Então a senhora teve uma muita boa relação.
[Irmã Maria do Céu]: – Ela ainda depois, disse-me assim, – Primeiro de tudo vais fazer os exames que te faltam. E eu chorei, chorei, chorei, – Eu não sei estudar, eu não sei. Disse muitas coisas desanimada, como era de normal, e então ela disse, – Eu ajudo no que tu precisares, mas tu tens que fazer tudo aquilo que eu te mandar (...), – Faço sim, faço sim, sim. Pronto e foi assim.
A primeira coisa foi na fundação, eu fiz, fiz o exame de segunda e terceira classe (...) já foi, como é que se chama aquilo que a gente (...), já foi no Liceu, não é? E pronto, e, e, e mais tarde foi, foi puxando por mim, só sei que eu hoje tenho o quinto ano (...) educadora da infância, eu fiz 62 anos (...) minha infância que recordo com muito (...) muita (...), é assim a vida, se a gente se põe a falar nunca mais se cala.
[TS]: (Risos) – Não há problema nenhum, nós viemos aqui foi pra isso.
[BV]: – Qual é que foi o momento mais marcante da sua vida dentro da congregação? Que a senhora se lembre assim mais vivamente?
[Irmã Maria do Céu]: – Eu não percebi muito bem, desculpe?
[TS]: (Risos) – Não faz mal, qual é que foi o momento mais marcante da sua vida dentro da congregação? Que a Irmã Maria do Ceu se lembre assim mais vivamente?
[Irmã Maria do Céu]: – Ah, foi (...) meu pai entregou-me a ela (...), depois a gente entra e ela (...) não há (...) assim há esquerda, e é, e depois o meu pai diz assim, – Eu vou (...) e então lá fomos os dois, e ela tava à porta, sentada atrás da porta e diz me assim, – Queres alguma coisa? – Sim senhora, o meu pai veio me trazer aqui porque eu quero ir ser freira. – Anda cá querida, assenta-te aqui, o teu pai também fica aqui e vamos conversar. Então ela fez-me muitas perguntas, muitas perguntas, e vai assim, – Não te preocupes que tu não vais (...), olha eu vou te ajudar (...) as Irmãs são todas tuas amigas (...) aqui, e depois

quero que tu vás à escola, quero que vás fazer os exames todos que te faltam. Depois fiz exames da segunda, terceira, quarta classe, e depois fiz primeiro ano, segundo ano de estudos, tudo mandado por ela, e sou feliz, ainda bem me sinto feliz, eu sempre penso nela e (...) (risos), isto é o que eu sinto.

[BV]: – Em que consistiu a sua missão?

[Irmã Maria do Céu]: – Não sei, não ouvi bem.

[BV]: – A sua missão, consistiu no que? Dentro da congregação o que é que a Irmã Maria do Céu tinha como função?

[Irmã Maria do Céu]: – Era, era a (...) tempo, e foi e Luiza Andaluz é que me orientava, e que orientava as Irmãs para nos dizer a nós. Eu considero hoje e sempre Luiza Andaluz minha segunda mãe, mas é com o coração que eu digo isto, lá em baixo está um painel dela, eu olho tanta vez para ela, e rezo, e rezo!

[BV]: – A Irmã foi professora e cozinheira, a Irmã foi professora e ajudante de cozinha.

[Irmã Maria do Céu]: – Só de infância.

[BV]: – Como é que foi essa experiência?

[Irmã Maria do Céu]: – Ah foi tão boa, 62 anos, educadora no jardim de infância, hoje sinto tantas saudades desse tempo, em toda a vida gostei de crianças, toda a vida, e também gosto muito do trabalho de educadora de infância, 62 anos.

[TS]: – Isso era muito, muito (...)

[Irmã Maria do Céu]: – E hoje sinto saudades, podem crer que é verdade, estou a falar com o coração, hoje sinto saudades desse tempo, sinto, é verdade é, sinto saudades desse tempo, mas pronto (...) uma coisa também, eu tinha saúde não era, era genica para aqui, genica para ali, (...) tempo de educadora de infância, depois chega um tempo em que as pessoas se reformam, não é? Olhe meti-me a fazer teatros, tinha muito que contar, teatros com crianças, teatros com jovens, e com adultos, alguns adultos eu pedia para serem as personagens, – Não sei fazer nada disso, – Sei vai, vai, eu vou ajudá-la, de todas as maneiras vamos ajudar-nos uns aos outros, eu estou a dizer isto estou a sentir no coração e estou a (...)

[TS]: – Ainda bem, e a senhora consegue nos contar alguma história, marcante durante essa época, durante o seu a trabalhar, com essas crianças nos teatros, pessoas, algum episódio assim mais engraçado que queira partilhar connosco.

[Irmã Maria do Céu]: – Não percebi muito, olhe (...) contudo nada, era para partilhar convosco, não me lembro bem do que é que é, como educadora de infância?

[TS e BV]: – Sim, sim Irmã: (...) Eu nunca me canso de trabalhar com as crianças do jardim de infância, depois uma leitura, pois toda a vida gostei de ler, ainda hoje! (...) sempre a ler, gosto muito de ler, e foi através da, da, de leituras, sobretudo de livros, Luiza Andaluz, eu aprendi muito com ela e continuo a chamá-la minha segunda mãe.

[ML]: – Irmã Maria do Céu, conte assim uma daquelas histórias, que a Irmã fazia lá com os meninos lá no Valado. Irmã: Ah, no Valado, sim. Uma história assim, uma coisa que tenha acontecido engraçada, daquelas que a Irmã nos costumava contar.

[Irmã Maria do Céu]: – Olhe (risos) (??) ah, trabalhei, trabalhei! Mas foi a menos tempo, porque

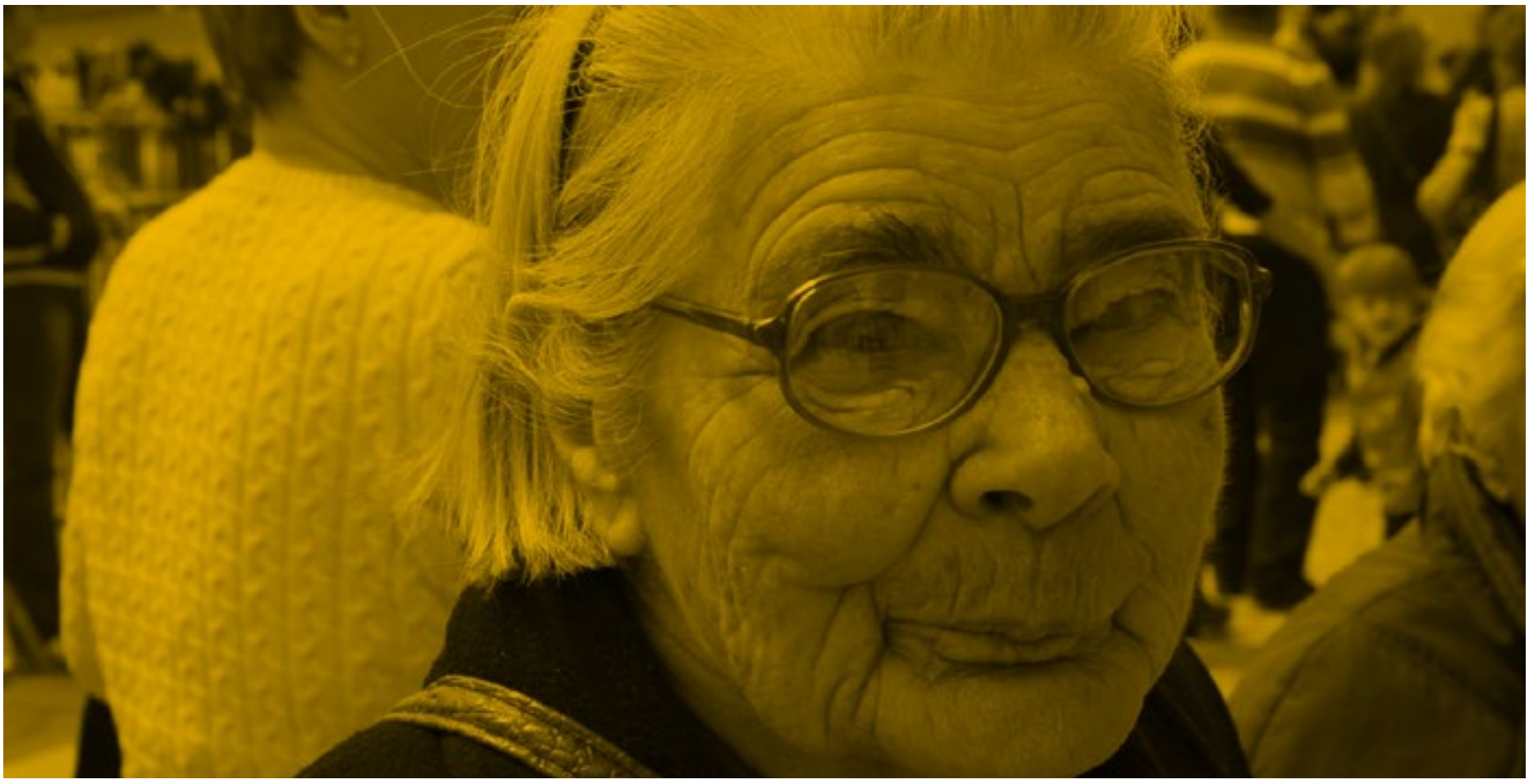
depois chamaram me, para ir às escolas, e ser religiosa, tá a ver o que é?
[TS e BV]: – Sim, sim.
[Irmã Maria do Céu]: – Eu ia às escolas, mas, mas depois (...) tempo é tudo crianças, então em cada lado (...), isto sinto, e coração, e com gosto. (??) um "teatrozinho", em todo o lado, davam me um número com crianças, marco com os pais, e depois era com os jovens, e eu sinto uma grande felicidade de me lembrar dessas coisas, nunca me senti cansada, nunca, por que aquilo é com o coração.
[Irmã Maria do Céu]: – É porque gostava daquilo que fazia, eu gosto muito de cantar, eu cantava muito com eles (risos), é assim, já falei demais.
[TS]: – Não, não. Uhm!, a senhora pode-nos contar como é que era o seu dia a dia e as atividades que fazia dentro da congregação, as atividades diárias?
[Irmã Maria do Céu]: – Pergunta, não percebi bem a pergunta, desculpe.
[TS]: – Pode nos contar o que era o seu dia a dia e como é que continua a ser o seu dia a dia dentro da congregação?
[Irmã Maria do Céu]: – No trabalho, no qual trabalho, (...)
[TS]: – Dentro da congregação.
[Irmã Maria do Céu]: – Da congregação, sim, então.
[ML]: – A Irmã levanta-se de manhã, faz o que a seguir?
[Irmã Maria do Céu]: – Bem, eu não gosto de dizer muito isto, mas uma vez (...) eu (risos), eu agora, eu lavo os pratos, eu chorei, chorei, chorei (??) diretor espiritual, diretor espiritual não, diretor técnico, não era? Diretor Técnica, então disse-me assim, – ai! Irmã Lucília. A chorar, – Eu não sei trabalhar com (??), eu não gosto de trabalhar com (??), – Vai, vai, eu vou ajudá-la em tudo o que a Irmã precisar, – Atão pronto. Uma das coisas é que eu gostava muito de cantar, e então até me pediram, fomos um grande grupo primeiro, foi os velhinhos (...) ia um grupo para velhinhos, (...) pois não? Idosos! É um grupo de idosos.
[ML]: – Óh! Irmã Ceu, Irmã
(a Irmã Céu continuava a falar, logo a Sra. Mafalda era constantemente interrompida).
[Irmã Maria do Céu]: – Os idosos, eu tenho essas fotografias todas num caderno. E também tenho aos idosos em Fátima, lá numa esplanada, tão felizes, tão felizes.
[BV]: – A Irmã continua a cantar? A Irmã continua a cantar?
[Irmã Maria do Céu]: – Assentar o que?
[Irmã Maria do Céu]: – Cantar? Olhe canto mais de noite do que de dia. Na cama canto muito, mas baixinho, eu também, eu também tive um tempo, ia às escolas dar religião e moral, lembram-se?
[TS e BV]: – Sim.
[Irmã Maria do Céu]: – Ensino religioso nas escolas sim? E os miúdos estavam sempre a espera que eu chegasse, não é por eu ser a Irmã Ceu, é por aquilo que eu ia fazer (risos), e então eles estavam todos ansiosos, assim que chegava lá diziam me assim, – Irmã Céu, faça aquele jogo do carro, depois é a aula. Então depois ficou o jogo para o fim.
[Irmã Maria do Céu]: – O que é que era o jogo,

a gente sentávamos nos todos no chão. Um era as rodas do carro, outro era o motor, outro era isto, todo o carro, e depois eu tava a tomar conta, assim que eu dizia, – Eu quero ir dar um passeio, mas preciso disto, e aparecia aqui. Tá a perceber?
[TS]: – Sim, nós estamos a perceber Irmã não sei se disse tudo se não, …
[Irmã Maria do Céu]: – … dava aulas ao ensino religioso, então nas escolas é que gostava muito, muito. Ainda tenho o caderno (…) tenho uma grande caixa, que eu trouxe, mas alguém fez o mesmo (??), e a caixa está lá, no meu quarto, tem tanta coisa linda das aulas que eu dava, dos (???) que eu fazia e mais não sei o quê, agora não me lembro, tem lá um álbum cheio disso. Eu sou uma louquinha por crianças, ainda hoje, eu gosto, ainda hoje gosto muito de crianças, muito. Eu gosto muito de sonhar com as crianças e então cantava muito com elas, e fazia jogos, e fazia perguntas, e quando a Irmã chegava "oh! Irmã, faça aquela do carro!" e eles sentavam-se no chão, já disse, já disse, e era as rodas, já disse já disse, e era assim a vida. Eu gostava muito do ensino religiosos nas escolas porque é muito importante, é pena que hoje não haja em todas as escolas o ensino religioso.
[TS e BV]: – É muito importante…
[Irmã Maria do Céu]: – Eu sinto falta, é um fracasso da Igreja, desculpe o termo. Sempre nas escolas o ensino religioso porque nós íamos às escolas, mas não era só pelo ensino religioso. Brincávamos, cantávamos, dançávamos e elas ficavam doidinhas que eu chegasse, claro! Era assim a vida. Ainda hoje recordo com saudades, muita coisa, e perguntas e tudo. Ai, aquela do automóvel,… a professora dá por mim a sentar-se no chão, outra era as rodas, outro era o carro, outro era o motor e cada um dizia "eu sou isto, eu sou aquilo, eu sou aquilo", gostava da cabeça das crianças. No fim, eu dizia assim "eu preciso do meu carro, eu preciso disto, eu preciso daquilo e eles "ai, agora sou eu, sou eu, sou eu", olhe, isto, digo sinceramente, não é por mim, mas eu sinto que foi uma data importante na minha vida por causa das crianças, só por causa das crianças.
[TS]: – Estou a ver que a senhora fez muito boas atividades com as crianças.
[Irmã Maria do Céu]: – 62 anos em jardins de infância. 62 anos em jardins de infância. No (???) estive por duas vezes. No jardim das (???) estive 9 anos, no jardim de infância. Agora digo uma coisa que se vai rir, nós nessa altura, as Irmãs andavam com um fato preto até aos pés, eu lembro-me, e o padre de São João das Lampas era um santo, era um santo aquele homem, tinha um amor às crianças… De vez em quando vinha-me dizer assim "Irmã Céu, o que é que faz uma infantil para as crianças aprenderem, para elas serem felizes?", oh! senhor prior, vou pensar, não sei muito bem ainda. Sei que faltam muitas coisas. Depois eu escrevia num papel, numa folha, e depois eu dizia tudo ao senhor prior e ele dizia assim "ah, então e a Irmã não se chateou com ele?", não senhor prior, até ganhei mais força, mais (???). Eu sou muito amiga das crianças. E eu também sou! "E agora vou-lhe dar tudo o que a Irmã precisa para que elas sejam felizes, e que elas saibam, e que elas aprendam o que é ser

amigas de Jesus, o que é que Jesus fazia,…"
e elas gostavam muito, porque todo o meu trabalho não foi só "sim, … , isto e aquilo", cá dentro era a transmissão da igreja. Cá dentro do meu coração era a transmissão da igreja. Não foi melhor assim? Ai! meus amores! Já falei muito.
[TS]: – Nós temos uma última pergunta se não se importar. A Irmã Maria do Céu Marçal tem algum sonho que queira realizar?
[Irmã Maria do Céu]: – Eu tive dois tios padres, irmãos do meu pai querido e eram muito nossos amigos.
[TS e BV]: – Nós perguntamos…
[Irmã Maria do Céu]: – O mais velho padre Elias trabalhava na (???), só que só veio uma vez a Portugal, mas depois foi logo para lá. Mas quando ele foi estava lá o regime do comunismo.
[ML]: – Irmã Céu? Conseguiu ouvir a Teresa, conseguiu ouvir a Teresa a falar? Ela fez-lhe uma pergunta, eu acho que a Irmã não ouviu. Ela vai fazer outra vez.
[TS]: – Nós perguntámos-lhe se a Irmã ainda tem algum sonho que queira vir a realizar.
[Irmã Maria do Céu]: – Não percebi, não se ouve muito bem… Se eu tenho algum sonho…
[ML]: – Se a Irmã tem algum sonho ainda, que ainda queira realizar? Que a Irmã ainda não fez e queira fazer na sua vida. Um sonho que a Irmã ainda queria fazer.
[Irmã Maria do Céu]: – Se tenho algum sonho que queria realizar?
[ML]: – Isso!
[TS e BV]: – Isso! Sim, sim.
[Irmã Maria do Céu]: – Que queria realizar sim,… Queria que a congregação também se lembrasse, continuasse a lembrar das crianças mais pobres e sobretudo daquelas que não têm pai nem mãe, nem eira nem beira. Eu todos os dias peço a Deus nosso senhor que dê alguma coisa às pessoas que não têm eira nem beira. Percebem? Eira nem Beira?
[BV]: – Sim!
[Irmã Maria do Céu]: – Não têm lugar para dormir nem têm lugar para comer. Eu sempre, sempre faço oração por eles. Antes de me deitar é sempre a oração que eu faço. Dentro do costume.
[TS]: B, T – Olhe,…
[Irmã Maria do Céu]: – Porque a mim não me falta nada. Nem aqui na congregação, nem em casa dos meus pais. O meu pai querido, sempre que eu lhe pedia isto ou aquilo dizia sempre "se for preciso está bem, se não for esperas."
[TS e BV]: – Agradecemos muito as suas histórias…
[Irmã Maria do Céu]: – "Se não for esperas." E eu esperava. Desculpe. Não sei se quer perguntar mais alguma coisa, mas eu andava na escola primária e às vezes havia uns "canteirozinhos" na escola, não sei se se lembram. Tinha estes canteirinhos de flores, disto e daquilo e a professora dizia sempre "agora vão para o recreio. As meninas vão tratar das flores e os jovens vão arranjar uma peça de um nitro", para fazerem no recreio. Eu lembro-me tão bem disso. Levava sempre, sempre coisas que aprendi com Luiza Andaluz, acredita. Há pouco tempo um livrinho pequenino assim Luiza Andaluz e eu como já tinha lido muitas vezes e uma das nossas empregadas que já saiu agora penso que era a (???) não me

lembro. E eu dei-lhe para ela ler e ela assim "ai!, isto é tão lindo, deixe-me ler", está bem ficas com ele, eu já sei isso tudo decore, mas depois tens de rezar muito também como era a (???), vais fazendo qualquer coisa pela Igreja que toque no coração "está bem, Irmã, está bem". E foi verdade. E foi verdade. É a vida.
[TS e BV]: – Nós agradecemos muito a sua colaboração e a resposta a todas as perguntas e desejamos-lhe muita saúde.
E gostámos muito de falar consigo, obrigada!
[**Irmã Maria do Céu]:** – Obrigado. Então uma boa noite, bom trabalho.
[TS e BV]: – Obrigada muitas felicidades e muita saúde para si.
[Irmã Maria do Céu]: – Mas olhe Irmã, eu quando vejo as Irmãs, sinto-as cá dentro. É verdade é.
[ML]: – Irmã Céu, a Teresa e a Bárbara não são Irmãs, são alunas da escola de Tomar e agora a Irmã fica com esse desafio de rezar por elas, está bem? Pela turma toda e pela professora, pode ser Irmã Céu?
[Irmã Maria do Céu]: – Diga, diga?
[ML]: – Estou a dizer que a Teresa e a Bárbara que estiveram a falar consigo não são Irmãs, são alunas da escola de Tomar e agora eu estava a dizer para a Irmã agora ficar com essa tarefa de rezar por elas, pela turma toda e pela professora. Para que elas sejam assim, mulheres fortes na vida, pode ser?
[Irmã Maria do Céu]: – Está bem, pode. Eu tenho muitas intenções (??????). Eu adormeço a rezar por aqueles que não têm eira nem beira, por aquele que não têm o que comer e eu tenho tudo e,... e é assim a vida.
[ML]: – Então vá, Irmã Céu, agora já pode ir descansar. Diga à Irmã Inês que já pode ir descansar.
[Irmã Maria do Céu]: – Está bem. Muito obrigada. Uma boa noite. Tudo de bom para as Irmãs
[TS e BV]: – Obrigada.
[Irmã Maria do Céu]: – Bom dia, bom dia.
[TS e BV]: – Um bom dia, obrigada.
[Irmã Maria do Céu]: – Obrigada também. Gostei muito de ouvir as Irmãs.
[TS e BV]: – E nós a si também, obrigada.
[Irmã Maria do Céu]: – Um bom sucesso para tudo.
[TS e BV]: – Obrigada!

Maria Adelaide Ferreira Franco



Nasceu a 28/09/1925, no lugar da Cruz de Oliveira, paróquia da Benedita, Concelho de Alcobaça, Distrito de Leiria e Diocese de Lisboa. Morreu, em Lisboa, alguns meses depois de se realizarem as entrevistas, a 2 de maio.

Entrou na Congregação a 20/09/1948, iniciou o Postulantado a 01/10/1948 e o Noviciado a 01/04/1949. Fez a Primeira Profissão a 02/04/1951 e os Votos Perpétuos a 02/04/1957.

Como formação básica teve o Curso de Dactilografia, Ciclo Preparatório, Curso de Costura e Bordados, Curso de Auxiliar de Educação e o Curso Geral de Catequese.

Após a formação como religiosa, foi para o Instituto de Nª Sª dos Inocentes, Santarém, onde exerceu diversas tarefas: vigilante, costura, trabalhos domésticos, bordados, cozinha, dispensa e rouparia, até 1962. Nesse ano integrou a Comunidade do Noviciado, como costureira até 1963. Desde 1963 até 1982, foi Mestra de Costura e professora de Costura e Bordados, no Centro Social do Entroncamento e depois no Centro Paroquial de Turquel, Alcobaça. Neste mesmo ano assumiu a missão de Superiora da Comunidade do Centro Social Paroquial de S. João das Lampas, e de 1990 a 1996 foi para o Centro Social da Ericeira com a missão de Superiora da Comunidade e Coordenadora do Centro Social.

Após um ano na Casa Geral, como costureira, em 1997 foi abrir a comunidade missionária em Luanda, Angola, como Mestra de Costura e serviço de Catequese, onde permaneceu até final do ano 2000. Regressou a Portugal e exerceu a sua missão na Casa Geral, Casa de Formação, Casas de Acolhimento e inserção no meio colaborando nos serviços internos e de costura.

Teve conhecimento e relação com Luiza Andaluz, desde jovem, aquando das passagens de Luiza pela Benedita, como após os diversos contactos que com ela estabeleceu durante as várias vistas à Casa de S. Mamede e outras, durante a sua longa vida.

Entrevista à Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Entrevistadores: Maria Adelaide Ferreira Franco (Irmã Maria Adelaide), Rafael Gonçalves (RG), Guilherme Lopes (GL), Carmo (C) (ajudante da Irmã), Mafalda Leitão (ML)
Dia 10/12/2020

[RG]: – Bom dia Irmã Maria Adelaide. Como é que está?
[C]: – Têm que falar mais pausadamente se não ela não houve bem.
[RG]: – Bom dia.
[C]: – Está a ouvir.
[RG]: – Bom dia. Bom dia.
[Irmã Maria Adelaide]: – Ainda há bocadinho ouvíamos agora não.
[GL]: – Bom dia.
[C]: – Consegue ouvir ou não?
[GL]: – Olá. Bom dia.
[Irmã Maria Adelaide]: – Bom dia.
[RG]: – ahahah!. Bom dia.
[GL]: – Olhe nós vamos tentar falar alto para a Irmã nos conseguir ouvir.
[Irmã Maria Adelaide]: – Falem mais devagarinho. Mais devagar. Mais assim. Mais vamos falar alto...
[GL]: – Vamos falar alto para a Irmã conseguir--nos ouvir.
[Irmã Maria Adelaide]: – Está, não consigo ouvir.
[GL]: – Nós vamos falar alto para a Irmã nos conseguir ouvir.
[Irmã Maria Adelaide]: – Sim, devagar.
[GL]: – Devagarinho. Muito obrigada. Então podemos começar as perguntinhas?
[C]: – Podem começar sim.
[ML]: – Oh! Carmo se houver alguma dificuldade tu dás aí uma ajudinha, já que estás aí ao lado.
[C]: – Está bem, eu ajudo.
[GL]: – Então nós gostaríamos de saber com que idade a Irmã Maria Adelaide entrou na Congregação.
[Irmã Maria Adelaide]: – Posso dizer que entrei com 23, porque os fiz 5 dias depois de ter entrado na casa da Congregação. 23. Em 1948. Há muito tempo.
[RG]: – Prosseguindo para a próxima questão. Porque quis ser uma das Servas de Nossa Senhora de Fátima?
[Irmã Maria Adelaide]: – Comecei desde que o Senhor me chamava para a vida religiosa. Mas sem estar definida em qualquer Congregação em que os carismas são um bocadinho diferentes e eu gostava que fosse tempo de oração e tempo de missão. Porque uma coisa e outra dá resposta aquilo que eu pensava que... Mas acontece que Luiza Andaluz deu uma palestra à minha paróquia e eu fui ouvir e vi por essa altura pela apresentação de um carisma que dava resposta aquilo que eu gostava, que eu desejava. Fui pensando no assunto. Isto uns dois ou três antes de ir, devia de ter 19, 20. Mas estava na minha cabeça o caminho claro a seguir. E fui rezando, e fui perguntando que o Senhor me desse luz para que depois eu me sentisse também feliz pelo caminho que seguia e ao mesmo tempo gostava do trabalho de missão nas paróquias e

tinha tempo também de contemplação. E, portanto, foi esses motivos que mais ou menos claros e fui-me aperfeiçoando e fui dando possibilidade ao tempo de sair da família sendo a mais velha dos meus irmãos e achei também para ajudar os meus pais e dar também mais algum tempo. Sair para sair mesmo. Foi isso que escolhi.
[GL]: – Muito bem.
[RG]: – Então foi algo que a cativou logo de início?
[Irmã Maria Adelaide]: – Agora não percebi.
[RG]: – Então foi algo que a cativou logo no início, ao longo da sua vida também.
[**Irmã Maria Adelaide]:** – Eu depois vim. Tenho me sentindo feliz e até aos dias de hoje, como vai perguntar. Tenho-me encontrado no lugar que Deus me deu. E pronto. Um lugar mais seguro.
[GL]: – Muito bem. Podemos avançar com outra pergunta?
[Irmã Maria Adelaide]: – O quê?
[GL]: – Podemos avançar com outra pergunta?
[Irmã Maria Adelaide]: – Agora não percebi.
[C]: – Se pode avançar com outra pergunta.
[Irmã Maria Adelaide]: – Outra.
[GL]: – Nós gostávamos de saber como era o ambiente vivido dentro da Congregação.
[Irmã Maria Adelaide]: – O ambiente?
[GL]: – O ambiente. As rotinas.
[Irmã Maria Adelaide]: – O ambiente para mim era bom, acolhedor, tínhamos possibilidade se precisássemos de ajuda tínhamos quem nos desse a ajuda e de nos esclarecer naquilo que ia aparecendo e principalmente tanto no tempo de formação como depois do tempo, já como professa na ação concreta com a missão, que foi em Santarém que comecei. Comecei em abril e em junho comecei em 1951, quando fui para a Fundação de Santarém. Estive aí 12 anos seguidos com as meninas e com o ambiente. Também tive algumas ações na paróquia. Dei catequese. Estava bastante ligada ao grupo dos jovens da "JOC" (JOC – Juventude Operária Católica). Nessa altura, ia às vezes, onde até havia um grupinho das mais velhas. Uns 4 ou 5 da Fundação começavam a participar o grupo da "JOC" dos mais novos, dos 15, 16, 17. Portanto eu acompanhava-as e eu gostava mesmo da "JOC". Que não sei quem é que está ainda por aí. Deve estar a mãe do padre Pedro, Maria do Rosário. Não sei se a conhece. Franco.
[RG]: – Não, não, não.
[Irmã Maria Adelaide]: – Anda para o lado do campo, da bola. E a Irmã da Lurdes, da Irmã Teresa, a Amélia Lurdes também conhecem com certeza, também mora aí na cidade. Fazia parte desse grupo. Às vezes eu ia às reuniões, outras vezes iam elas lá, para nos ajudarem a preparar. Tive bastante contacto na cidade, com os jovens, com a catequese. É a pergunta 3?
[RG]: – Sim. Agora vamos passar para outra pergunta.
[Irmã Maria Adelaide]: – 4 pergunta.
[RG]: – Pode-nos falar de alguma experiência importante que a marcou mais. Digamos, de certa forma.
[Irmã Maria Adelaide]: – Os momentos.
[RG]: – Sim.
[Irmã Maria Adelaide]: – Físicos. A minha experiência é que partimos do princípio. Os momentos melhores e os momentos piores existem

em toda a parte. Isto é um ponto, que existem em todas as situações. Qualquer deles precisam da nossa participação, da ajuda-nos resolver e também contei sempre com quem me ajudasse nos momentos mais difíceis, que não eram meus diretamente, mas que estavam na minha missão e, portanto, sempre encontrei na Congregação, como hoje, quem nos ajude e mesmo quem esteja disposto a ouvir-nos e a colaborar connosco e a ajudar-nos a resolver esses momentos.
[RG]: – Então a Congregação para si é um sítio de reconforto.
[Irmã Maria Adelaide]: – Para mim a Congregação é uma família. Foi o que Senhor me chamou e eu vim dar a minha parte para que os outros também possam viver.
[RG]: – Compreendo.
[Irmã Maria Adelaide]: – Isso existe em qualquer situação. Temos o dever de partilhar e ajudar quem nos rodeia porque se isso não se faz fica-se.
[GL]: – Quais é que eram as suas rotinas na Congregação?
[Irmã Maria Adelaide]: – Sim?
[GL]: – O que é que fazia durante o dia?
[Irmã Maria Adelaide]: - Eu?
[GL]: – Sim, sim.
[Irmã Maria Adelaide]: – Isso só posso dar assim uma luz clara, porque eu realizava muitos trabalhos. A maior parte do tempo de atividade foi nos centros paroquiais, porque primeiro é um local que eu gosto do trabalho, onde temos muita possibilidade de fazer orações, de ajuda com os pais, com as crianças, com os jovens, as famílias. Bastante. E com aqueles que têm maior necessidade e que procuram uma ajuda material ou até mesmo uma ajuda moral. E, portanto, eu passei pelos centros 34 anos seguidos. Entroncamento, Portel, S.João das Lampas. Foram 12. No Entroncamento 8. E aí foi sempre com trabalho. Gosto do trabalho, do momento de oração, da ajuda, gosto de estar com as pessoas, de comunicar com elas e de ouvi-las também.
[RG]: – Há alguma memória que tenha mais presente de Luiza Andaluz?
[Irmã Maria Adelaide]: – Deste trabalho?
[RG]: – Não. Uma memória sobre Luiza Andaluz.
[Irmã Maria Adelaide]: – Luiza Andaluz foi logo um princípio que tive. Está logo aqui nesta primeira pergunta, qual era a relação. Da Luiza Andaluz tenho várias, porque o tempo que estive em Santarém na Comunidade, sendo que nessa altura percorrer as Comunidades era um bocado mais difícil. Em Santarém como havia o colégio, a Fundação, foi mesmo uma passagem rápida, que para mim foi sempre boa, porque a relação com Luiza Andaluz já mesmo mais tarde, era uma relação muito acolhedora. Ao mesmo tempo ela tinha sempre uma mensagem para nos comunicar. A nossa conversa, o diálogo. Havia sempre uma mensagem concreta, porque um dos aspetos ela procurava encaminhar as pessoas para Deus numa atitude divina e, portanto, era sempre um encontro memorável, que nos dava alegria e confiança.
[GL]: – Tem algum objeto que lhe dê conforto assim nos maus momentos ou nos piores momentos e nos bons também?
[Irmã Maria Adelaide]: – Não percebi.

[GL]: – Tem algum objeto de conforto nos bons ou nos maus momentos?
[Irmã Maria Adelaide]: – Objeto.
[GL]: – Se tem algum objeto de conforto nos bons ou maus momentos.
[Irmã Maria Adelaide]: – Com as crianças? Não.
[GL]: – Não, não.
[Irmã Maria Adelaide]: – Calma, mais devagar e mais baixo, que é para eu apanhar.
[GL]: – Se tem algum objeto da sua vida, que faça parte da sua vida e que goste muito.
[Irmã Maria Adelaide]: – Objeto?
[GL]: – Sim, um objeto.
[Irmã Maria Adelaide]: – Não sou assim muito de me prender às coisas. O meu maior objeto era fazer a vontade de Deus e ajudar as pessoas. Foi o objeto ou o sentido que mais me ajudou e foi por esse caminho fazer a vontade de Deus e ao mesmo tempo ajudar as pessoas naquilo que pudesse.
[RG]: – Já que aqui estamos todos. Tem alguma experiência que nos queira contar?
[Irmã Maria Adelaide]: – Alguma experiência. Bom tive alguns momentos que às vezes não são os maus. São aqueles momentos que nos ajudam a despertar uma missão concreta na ajuda. E posso dizer que o Senhor se tornou muito presente, se é que possa dizer, não sei se vocês acreditam que Ele caminha connosco e está presente nos momentos necessários e tenho uns momentozinhos muito concretos em que Ele esteve muito presente. Não que houvesse grandes problemas, mas assuntos para resolver. Que eram claro e concretos.
[ML]: – Por exemplo Irmã Adelaide. Conte lá um deles.
[Irmã Maria Adelaide]: – Isto acontece no trabalho dos centros que há muitas coisas que acontecem, porque há muita gente com 200 e 300 crianças ou perto disso, que tive. Portanto, muito pessoal. E um dia estava num e uma pessoa resolveu sair naquele dia e eu achava que estava sozinha, precisava de companhia, que não era necessário sair, pois era mais um gosto e havia um trabalho concreto para fazer. Agi com responsabilidades e coloquei os problemas que tinha. Não era necessário fazer uma viagem, mesmo à noite. E então entreguei o assunto ao Senhor porque já não era, porque já não tinha mais maneira de poder ajudar. Havia muito trabalho para se realizar e pronto. Eu entreguei ao Senhor a questão e conversando uma hora antes, nem aparece esse imprevisto. E parece, parece que às vezes que nos perturbam, mas não, vem resolver assuntos que nós não somos capazes de resolver. E o assunto, aquilo que se tem feito na saída porque o outro resolveu o assunto e pronto. E foi a presença do Senhor que resolveu. Estes são casos muito concretos, que às vezes aparecem das mais variadas maneiras. Nós às vezes, não se apercebe porque não vamos analisá-los, mas o problema é esse. Ele age quando é preciso e ganhamos confiança. Eu tive vários, mas este é o que consigo fazer em poucas horas. Temos que ter confiança na vida e em Deus e na confiança que Ele caminha connosco.
[GL]: – Olhe estamos a gostar muito de a ouvir.
[Irmã Maria Adelaide]: – Eu também.

[GL]: – Nós gostaríamos de saber qual é a sua rotina na Congregação. O que é que faz quando se levanta da cama? Durante o dia o que é que a senhora faz quando se levanta da cama, a partir do momento.
[Irmã Maria Adelaide]: – Olha...
[RG]: – O que é que faz...
[Irmã Maria Adelaide]: – Hã?
[RG]: – O que é que faz quando se levanta? A sua rotina dentro da Congregação.
[Irmã Maria Adelaide]: – Só percebi uma palavra.
[GL]: – O que é que faz dentro da Congregação?
[Irmã Maria Adelaide]: – Baixinho e devagar.
[GL]: – Como é o seu dia-a-dia na Congregação?
[C]: – O dia...
[Irmã Maria Adelaide]: – Oh! Luiza diz lá.
[C]: – Como é o seu dia-a-dia, desde que se levanta.
[Irmã Maria Adelaide]: – O meu dia?
[C]: – Sim.
[Irmã Maria Adelaide]: – O meu dia. Agora. Com a minha idade já dei os centros, desde que fui em 1996 fui até à Angola, 3 anos e meio, por uma questão de saúde regressei. E regressei, na situação fui operada e quando sentisse, tenho estado em algumas comunidades a fazer companhia uma Irmã à outra, ou por doença ou por precisar presente que tenha que acompanhar. Agora já estive bastantes anos na casa da Fundação. Aqui estou há 4 e estive em 2002, 2003, 2004 e fui operada em março e vim para a casa formação em junho. Depois fui a Coimbra, fui a Lamego, em Valado e adquiri há 4 anos e fui convidada a vir. Aqui ajudo naquilo que é preciso. Agora é mais um bocadinho de costura, faço uma presença de oração e o tempo mais que me sobra mais um bocadinho de costura e vou fazendo e tenho a presença. A comunidade é sempre um grande valor, possa ajudar num lado, posso ajudar num outro, possa sempre o mais correto, é necessário. E eu disponho daqueles que não têm casa. E vocês os jovens também, especial todos os dias, porque também vos ajudam e é um tempo muito rico para vocês se o souberem aproveitar. Isso é o principal.
[RG]: – Reparámos que era professora de costura, qual é o trabalho em que lhe dá mais gosto em fazer?
[Irmã Maria Adelaide]: – Eu?
[RG]: – Sim. Que mais gosta de fazer.
[Irmã Maria Adelaide]: – Agora ou que tinha? Na casa dos meus pais também era costura. Tínhamos a alfaiataria. Temos que ter de tudo. Portanto, tive trabalhos de contas, tive trabalhos de receção e trabalhos de jovens, com meninas, como trabalhos de casa, como algumas aulas e costura. Uma formação feminina para uma educação, uma promoção geral. E com uma certa responsabilidade dentro da instituição visto que os outros membros da direção não estavam lá, ou passavam ou tínhamos as reuniões. Portanto, aí tive receção como tive meninas, várias. Um aspeto geral de uma pessoa.
[GL]: – Tem assim algum episódio marcante quando fazia costura, que nos possa contar?
[Irmã Maria Adelaide]: – Da costura?
[GL]: – Sim.
[Irmã Maria Adelaide]: – Não tenho assim nada de especial. Os acontecimentos, mas não.

[GL]: – Nada de especial?
[Irmã Maria Adelaide]: – Não. É uma vida normal. Preenchida por tudo.
[GL]: – Nós estamos quase a terminar.
[Irmã Maria Adelaide]: – Estamos.
[GL]: – Mas ainda não. Gostar-nos-ia de contar assim uma experiência da sua vida para terminarmos? Aqui para a turma toda.
[Irmã Maria Adelaide]: – Uma experiência. Uma das que tinha, foi ir para a Angola, e para um país desconhecido em tempo de guerra, pois fui em 1997. Portanto, gostei muito de lá estar. Porque gostei da missão, gostei de estar, mas aquilo eram muitos dialetos do português. Mas gostei muito de lá estar. Eu já tinha 62 anos. Mas foi assim uma boa comunidade. Dou graças a Deus por lá ter ido. Foi muito bom.
[RG]: – Para finalizar, tem alguma mensagem, que ao longo da sua vida adquiriu e que nos queira passar? Uma mensagem que nos queira transmitir, que tenha adquirido ao longo da sua vida.
[C]: – Uma mensagem que quisesse dizer aos jovens.
[Irmã Maria Adelaide]: – Uma mensagem que vos passa passar é que sigam bem a vossa vida naquilo que o Senhor vos for convidando e ao mesmo tempo pensando naqueles que vos rodeiam, porque é muito importante na época em que estamos a viver.
[RG]: – Ok. Agradecemos muito a sua participação no nosso trabalho e desejamos-lhes bastantes felicidades para si e para a Congregação.
[GL]: – Muita saúde.
[Irmã Maria Adelaide]: – Vocês são mesmo de Santarém ou são dos arredores?
[RG]: – Somos alunos de Tomar do IPT.
[GL]: – Muito obrigada por ter partilhado as suas histórias connosco.
[Irmã Maria Adelaide]: – Obrigada também por vocês.
[GL]: – Obrigada e muita saúde.
[Irmã Maria Adelaide]: – Igualmente.
[GL]: – Obrigada. Bom Natal.
[Irmã Maria Adelaide]: – Muitas felicidades.
[ML]: – Muito obrigada Irmã Adelaide, Irmã Luísa e Carmo. A Irmã que está por trás.
[GL]: – Muito obrigada.

5. Testemunhos dos Estudantes

Cátia Simas

Irmã Maria Teresa de Jesus Silva Dias

Eduardo Vasconcelos e Rita Tomás

Irmã Vitória da Fonseca Alves

Rita Tomás e Eliana Llorente

Irmã Maria Teresa de Jesus Silva Dias

Patrícia Henriques

Irmã Maria Mónica Dias Caetano
Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Rafael Gonçalves

Irmã Maria Mónica Dias Caetano

Rita Tomás

Irmã Vitória da Fonseca Alves

Teresa Santos

Irmã Maria Assunção Pestana

Vanessa Esteves

Irmã Maria Mónica Dias Caetano
Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Guilherme Lopes

Irmã Maria Mónica Dias Caetano
Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Bárbara Vaz

Irmã Maria Assunção Pestana

Sandra Vieira

Irmã Maria Mónica Dias Caetano
Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Cátia Simas

Irmã Maria Teresa de Jesus Silva Dias

Este trabalho teve um grande peso no meu desenvolvimento. As entrevistas permitiram que eu adquirisse conhecimento que até então não possuía. Conhecer as vidas das Irmãs fez com que eu olhasse de uma maneira diferente para a vida religiosa. Apesar de não ser crente, as entrevistas fizeram com que ganhasse um grande respeito pelas Irmãs, tanto pela sua experiência de vida como a fé e entrega que têm para com Deus.

Duas frases que me chamaram muita atenção nas entrevistas foram:

> **“Estudem. Sejam boas alunas e que de facto tenham como visão também transmitirem os valores humanos e cristãos**
>
> Irmã Maria Teresa de Jesus

> **“A profundidade daquele olhar tocou-me profundamente. Dava-me a sensação que aqueles olhos penetravam e via o que estava no meu coração [...] as suas palavras doces, meigas que nos davam uma serenidade grande.**
>
> Irmã Maria Teresa de Jesus Dias

Eduardo Vasconcelos e Rita Tomás

Irmã Vitória da Fonseca Alves

Nesta entrevista podemos entender um pouco da vida da Irmã Vitória, como por exemplo o facto de o pai não a ter deixado seguir caminhos de Deus em jovem, “obrigando-a” a ficar com o pai e tomar conta dele pois os seus irmãos mais velhos tinham todos uma vida já planeada e orientada. Só em adulta é que seguiu os seus sonhos apesar de nunca ter abandonado a sua imensa Fé Cristã. Depois a Irmã explicou-nos de que maneira é que tinha conhecido a Madre Luiza Andaluz e o tipo de relação existente entre ambas. De seguida, conta histórias das suas missões apostólicas no Luxemburgo e Açores. Após estes acontecimentos, a Irmã esclarece-nos que Deus a tinha acompanhado desde sempre e que de certa forma era um “Amor” incondicional e explica-nos de que forma manteve sempre o gosto pelas paróquias em que trabalhou (como, por exemplo, em Ereira). Depois acaba por nos explicar de forma muito divertida as várias maneiras que utilizava para entreter/ensinar as crianças do jardim de infância em que trabalhou vários anos da sua vida. Em termos de conclusão, acaba por nos deixar uma história sobre as suas vivências no estrangeiro e agradece a nós alunos a experiência da entrevista realizada.

Rita Tomás e Eliana Llorente

Irmã Maria Teresa de Jesus Silva Dias

A Irmã Maria Teresa começa por nos explicar que com 12 anos decidiu seguir os caminhos de Deus porque julgou que ia deixar de estudar porque não tinha grande gosto. A família sempre a apoiou e de certa forma a ajudou a que ela escolhesse o lugar que queria ir, onde acabou por ficar por Santarém. Depois, conta-nos uma história que a marcou de Luiza Andaluz em que consistia na altura de que a mãe da Irmã tinha falecido e assim o apoio por parte da Madre Luiza Andaluz foi de tal forma tão grande que deixou a Irmã mais aconchegada e de certa forma mais feliz. Depois explica que tirou uma licenciatura em Biologia, com uma boa nota, mesmo não querendo estudar e acabando por se tornar uma professora de Português que nem era bem a área dela, mas assim o fez com sucesso. De seguida, conta de forma engraçada uma maneira que utilizava frequentemente para acalmar os alunos que tinha no Colégio, que consistia na saída de todas as pessoas da sala e irem caminhar para a rua. E, termina, deixando uma mensagem a nós alunos de nunca deixarmos de seguir os nossos estudos e utilizarmos Deus como fonte de educação nas aulas e na nossa vida.

Patrícia Henriques

Irmã Maria Mónica Dias Caetano

Esta entrevista foi a primeira de todas, de todos os grupos, sendo especial, pois foi a partir dela que nos guiámos e vimos como havíamos de realizar as próximas.

A Irmã Maria Mónica Dias Caetano teve uns pequenos problemas no seu computador, o que dificultou a entrevista no princípio. Devido a tal situação, a Irmã Maria Mónica Dias Caetano comunicou connosco através de um telemóvel e que por consequente o som saía pelo computador da Irmã Mafalda Leitão, que depois chegava ao nosso.

A Irmã Maria Mónica Dias Caetano é uma senhora de poucas palavras e respostas curtas, que se limita apenas a responder ao que lhe é pedido, sem grandes desenvolvimentos. No entanto, e apesar das dificuldades auditivas, queria sempre mais e mais perguntas para responder, como quando diz “e mais?”.

Em todas as suas respostas sobressaía-lhe um grande sorriso do seu rosto, o que demonstrava que gosta extremamente do que faz e do que fazia em tempos. Integrei-me e identifiquei-me particularmente com esta Irmã, porque tal como eu, a Irmã Maria Mónica Dias Caetano corria para a universidade para chegar a horas às aulas, adorava ter a casa cheia de familiares, amigos e vizinhos. Denota-se pelas suas expressões que foi essencialmente feliz nos seus tempos de juventude e claramente que tem um enorme orgulho pelo caminho que escolheu – opção de seguir com Deus. Ainda para mais, a maneira como partilhou as suas experiências e vivências, como por exemplo, quando nos mostrou as construções feitas com papelinhos, manifestou em mim um grande sentimento de solidariedade e conforto, pois essas “estampinhas”, como a Irmã Maria referia, eram para ajudar os pobres. Maria Mónica Dias Caetano transmitiu o princípio de partilha e solidariedade.

Patrícia Henriques

Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

Já esta entrevista, foi realizada com mais calma e experiência em relação às restantes. Desta vez, não participei diretamente na entrevista, mas agreguei-me como se fosse minha.

A Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco a meu ver, destacou-se por ter pedido as perguntas antes da entrevista, para se ir guiando ao longo da sessão, sendo que várias vezes, questionava os meus colegas e de certa forma a mim também, se a pergunta que lhe estávamos a fazer era a número 3 ou 5. A Irmã Maria Adelaide, com o seu cabelo grisalho e a sua bandelete castanha é uma senhora com uma personalidade bastante forte e determinada.

Sempre que a questionávamos sobre algo, ela respondia com um sentimento de experiência e amor. Referia sempre Deus e a família, que para ela são os pontos mais importantes da vida. Trespassou-me uma grande motivação em relação à vida religiosa e aos momentos maus. A Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco afirmava que a vida tanto é feita de bons momentos como de maus, e que nós como humanos devemos transmitir o bem, ser felizes e adequarmo-nos às situações tal como elas são.

Sorria poucas vezes, mas as suas respostas repetitivas e a sua linguagem através da expressão das mãos, fornecia a quem a estava a ouvir com admiração, que queria-nos dar lições para vivermos bem e felizes, mesmo nos maus momentos.

Rafael Gonçalves

**Irmã Maria Mónica Dias Caetano
e Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco**

As entrevistas enriqueceram a minha visão no sentido de pensar previamente nas consequências dos meus atos e na bondade que temos para oferecer aos outros. De um modo geral, julgo que todas as Irmãs Servas são bastante positivas devido ao facto de acreditarem diariamente em Deus e nele depositarem a sua fé. De um certo modo, as entrevistas também me trouxeram motivação e esperança para continuar a lutar pelos objetivos que pretendo alcançar por mais difíceis que sejam. Tanto a Irmã Maria Mónica Dias Caetano como a Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco demonstraram ser pessoas bastante positivas e bastante gratas pelas experiências que já tiveram, independente de terem sido boas ou menos boas. Acho bastante importante este tipo de trabalhos devido ao contacto direto com as entrevistadas, até porque no curso de Turismo e Gestão do Património Cultural há que saber expressar e usar o vocabulário correto para as mais diversas situações. Pessoalmente, a realização deste trabalho trouxe uma enorme experiência, sobretudo o contacto mais próximo com as Irmãs, coisa que nunca tinha experienciado nestes meus dezoito anos de vida e tinha uma ideia errada das Irmãs no geral, porque julgava que eram pessoas que não socializavam muito. Mas pelo contrário, as Irmãs demonstraram-se bastante sociáveis e disponíveis para nos passar a Mensagem.

Rita Tomás

Irmã Vitória da Fonseca Alves

Os primeiros momentos que entrevistei a Irmã Vitória, as palavras saíram com mais nervosismo, mas com o decorrer da entrevista as palavras fluíam melhor. Para além que a Irmã Vitória colocou-nos à vontade com o seu bom humor e palavras sábias.

Que todas as suas histórias e experiências mostram como é devota a Deus, à prática religiosa e como gosta de interagir e ajudar as pessoas que a rodeiam e que tanto carinho tem para oferecer.

Teresa Santos

**Irmã Maria Assunção Pestana
e Irmã Maria do Céu Marçal**

A Irmã Maria Assunção Pestana tinha respostas compostas, notou-se que gostava imenso de falar (mas isso gostavam as duas!), teve um papel importante em África, na sua missão, pois ajudou imensas pessoas na pobreza, na ignorância, e ajudou também imensas mulheres.

A Irmã Maria do Céu Marçal, por outro lado, tinha respostas menos coerentes, e notou-se que muitas vezes baralhava as informações. Mas não foi por isso que não gostava de falar! Falou imenso da sua chegada à Congregação e do seu guia espiritual, o seu pai, que obviamente teve um papel muito importante na sua vida. Mencionou também o seu amor por crianças, que passou a vida a ensinar.

Nas duas entrevistas foi possível verificar que ambas tiveram a vida que ansiavam, a entrega a quem mais precisava da sua ajuda.

Toda esta felicidade comoveu-me. Todos nós chegamos a uma certa idade e lamentamos o tempo passado. Estas senhoras não! E acho que é algo de louvar. Apesar de saberem que provavelmente nunca mais irão experienciar a sua vida ativa, aquilo que amam fazer, não o encaram com tristeza, mas sim com alegria pois o seu papel está concluído. A sua recordação de uma vida passada apenas lhes trazia lindos sorrisos, e não tristeza, nem melancolia.

Vanessa Esteves

**Irmã Maria Mónica Dias Caetano
e Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco**

A Irmã deixou-nos uma ótima mensagem, especialmente para nós jovens universitários quando disse:

> **“A minha experiência é que partimos do princípio de que os momentos piores e os momentos melhores existem em toda a parte. Isto é um ponto que existem em todas as situações...**

o que eu retirei desta frase foi que na vida há sempre momentos bons e momentos maus mas o que realmente faz diferença nas nossas vidas é o que nós fazemos dela.

Guilherme Lopes

Irmã Maria Mónica Dias Caetano

“

Os nossos convívios são muito agradáveis, são convívios que podem ter várias facetas, podem ser convívios simples como os convívios que nós fazemos depois das refeições, falamos, contamos histórias, contamos coisas do passado. Fazemos também trabalhinhos para vender para os pobres, a Irmã Gabriela faz vestidinhos muitos jeitosos, são mesmo amorosos os vestidinhos que ela faz para mandar para África.

Irmã Maria Mónica

Escolhi esta passagem da Irmã Maria Mónica, pois demonstra a alegria que as Irmãs tinham ao conviver entre si durante os momentos chamados de convívio. Nesses convívios, as Irmãs contavam histórias, o que demonstrava o seu grau de afeto e cumplicidade sentido na Congregação pelas Irmãs. Podemos também dar umas palavras para o facto das Irmãs fazerem vestidos para enviar para África, pode ser uma forma de distração mas pode também ser entendido com um cariz de apoio e ajuda aos mais necessitados.

Guilherme Lopes

Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco

“Para mim foi sempre boa, porque a relação com Luiza Andaluz, mesmo mais tarde era uma relação muito acolhedora, ao mesmo tempo ela tinha sempre uma mensagem para nos comunicar, a nossa conversa, o diálogo, havia sempre uma “mensagenzinha” concreta porque um dos aspectos que procurava era encaminhar as pessoas para tomarem uma atitude de vida e, portanto, era sempre um encontro favorável, um encontro que nos dava alegria e confiança.

Irmã Maria Adelaide

Sobre a entrevista à Irmã Maria Adelaide, escolhi uma passagem onde transmitiu o seu carinho especial à Irmã Luiza Andaluz. Este excerto dá uma ideia de figura superior à Irmã Luiza Andaluz por parte da Irmã Maria Adelaide pois esta refere a amizade, a confiança e a palavra amiga que a Irmã estava sempre disposta a dar, nos bons e maus momentos. Escolhi esta frase porque na vida temos sempre uma figura do mesmo género, tendo sempre uma palavra e um conselho sincero. Fazendo a associação, decidi incluir esta passagem no meu trabalho.

Bárbara Vaz

Irmã Maria Assunção Pestana e Maria do Céu Marçal

Na Irmã Maria Assunção Pestana ficámos a conhecer algumas partes da sua história como, por exemplo, que ela se focou em ajudar os pobres das povoações e ensiná-los a ler e a escrever. Mas também sofreu com a doença da malária e isso pôs à prova a dedicação da Irmã.

> **“Então eu organizei-as (as povoações) por grupos e dormia uma semana dentro do Land Rover... Era a alfabetização a nível da Igreja, mas era para todos, muçulmanos, etc, toda a gente... Eu apanhava cada malária que ficava mesmo, mesmo, mesmo doente, muitas vezes a soro lá no hospital central.**
>
> Irmã Maria Assunção Pestana

Já na Irmã Maria do Céu Marçal vimos a emoção que ela mostrava ao falar da altura em que começou a estudar para fazer os exames, referindo-se ao incentivo dado por Luiza:

> **“**
>
> **– Primeiro de tudo vais fazer os exames que te faltam. E eu chorei, chorei, chorei. Eu não sei estudar, eu não sei... e então ela disse – eu ajudo no que tu precisares”.**

Do que a Irmã tinha mais saudades era do tempo em que foi professora e ensinava os meninos.

> **“**
>
> **62 anos, educadora no jardim de infância, hoje sinto tantas saudades desse tempo, eu toda a vida gostei de crianças, toda a vida, e também gosto muito do trabalho de educadora de infância.**
>
> **E hoje sinto saudades, podem crer que é verdade, estou a falar com o coração, hoje sinto saudades desse tempo.**
>
> Irmã Maria do Céu Marçal

Sandra Vieira

**Irmã Maria Mónica Dias Caetano
e Irmã Maria Adelaide Ferreira Franco**

Após a audição destes dois testemunhos, não posso deixar de realçar a sanidade destas duas Irmãs. As duas com 9 décadas de existência, sempre com o intuito de ajudar o próximo. A Irmã Adelaide, com 72 anos vai até Moçambique numa missão. Qualquer cidadão anseia a sua reforma para “gozar” a sua velhice. A realidade dentro de uma congregação é bem diferente, é uma vida dedicada a causas, aos outros, a Deus. As duas referem que Luiza Andaluz era uma inspiração, pelo que fazia, pelas palavras que professava, pela sua forma de estar na vida.

É visível que são pessoas tranquilas, felizes, com uma vida cheia de experiências e com muito amor para com o outro.

Rezam muito, pelos testemunhos que nos deixam quando questionadas “como é o seu dia?”, mas também têm outras atividades que enriquecem o seu dia a dia e continuam a sentir-se úteis dentro da comunidade.

Foi um gosto conhecer esta realidade, refiro que após ver uma reportagem (a vida e obra de Luiza Andaluz) percebo que ainda há muitas jovens a encontrar ali a sua “casa” e “família”.

**Luiza Andaluz
e as Servas de Nossa
Senhora de Fátima**

Palavras associadas à experiência dos estudantes em relação às entrevistadas

Uma Experiência...

A

Aceitação
Admiração
Ajuda
Alegria
Amor
Aprendizagem
Atitude

C

Congregação
Conhecimento
Coração

D

Dedicação
Desafio
Devoção
Diferença
Disciplina

E

Emoção
Entrega
Experiência

F

Fé
Felicidade

I

Integração

M

Memorável
Memória
Missão
Molde

N

Nostalgia

O

Oração

P

Paixão
Partilha
Paz
Perseverança
Proximidade

R

Realização
Reflexão
Religiosidade

S

Saudade
Simplicidade
Sofrimento
Solidariedade

Colaboradores no projeto
Entre Memórias, Histórias e Reflexões

Estudantes:

Bárbara Vaz
Cátia Simas
Eduardo Vasconcelos
Eliana Llorente
Guilherme Lopes
Patrícia Henriques
Rafael Gonçalves
Rita Tomás
Sandra Vieira
Teresa Santos
Vanessa Esteves

Autores

Eunice Ramos Lopes

Eunice Ramos Lopes é Professora Adjunta no IPT. Doutorada em Antropologia (com especialização em Antropologia do Turismo, Política e Imagens da Cultura e Museologia), é diretora dos cursos de licenciatura em Gestão Turística e Cultural, de Turismo e Gestão do Património Cultural e do TeSP em Gestão de Turismo. É investigadora integrada do Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (TECHN&ART-IPT) e investigadora colaboradora em diversos outros centros de investigação. Exerce diversos cargos dentro do IPT. Em 2021 recebeu o prémio Hospitality Education Awards – Educação e Formação em Turismo em Portugal, que premeia a melhor carreira de docente do Ensino Superior, na área do Turismo.

José Casimiro Pereira

José Casimiro Pereira é Professor Adjunto no IPT. Doutorado em Informática, é docente de diversas unidades curriculares nos cursos de licenciatura em Engenharia Informática e no TeSP em Tecnologias e Programação de Sistemas de Informação. Investigador integrado no Centro de Investigação em Cidades Inteligentes (Ci2.ipt), desenvolve o seu trabalho de investigação na área do processamento natural de linguagem. Desde há alguns anos, exerce o cargo de Secretário do Conselho Pedagógico da ESTT. É membro ativo nas paróquias de Tomar. Casado, e pai de 3 filhos, quando tem tempo livre, é coralista na Associação Concórdia Música.

Mafalda Maria Leitão

Mafalda Maria Gaudêncio Franco Leitão é doutorada em Ciências da Educação pela Universidade Aberta (2013). Licenciada em Ensino da Física e da Química (variante Física), na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, exerceu a docência durante vários anos. Frequentou a Licenciatura em Ciências Religiosas, no Instituto de Ciências Religiosas de Aveiro (ISCRA) e concluiu em 2009 a pós-graduação: “Especialista Universitário en Ejercicios Espirituales”, pela Universidade Pontifícia de Comillas – Madrid. É, no presente, investigadora no Centro de Estudos das Migrações e Relações Culturais (CEMRI) da Universidade Aberta (educação para o desenvolvimento sustentável; água; educação integral). É Serva de Nossa Senhora de Fátima desde 1992.

Isabel Bernardo Bastos

Isabel Bernardo Bastos é consultora na Smart Things Consulting. É consultora e coordenadora executiva no Luiza Andaluz Centro de Conhecimento. Licenciada em Organização e Gestão de Empresas, no Instituto Superior de Economia, tem desenvolvido a sua atividade profissional na liderança de diversos projetos, exercendo competências em gestão de projeto, marketing, comunicação e estudos de mercado em diversas áreas de negócio, com especial relevância o setor bancário. Tem especial interesse na área do urbanismo e compreensão do território, principalmente das cidades e dos seus cidadãos. Participa ativamente nas atividades da Paróquia do Parque das Nações. Apaixonada pela fotografia, sempre que pode aproveita para viajar, enriquecendo o seu desejo de conhecimento de novos locais e vivências.

Bibliografia

ANDALUZ, L. (2020). História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. (M. Leitão, L. Guerreiro, S. Gomes, D. Serralheiro, Org.). Lucerna.

ANDALUZ, L. (2021). Documentos autobiográficos, pensamentos e consagrações. (M. Leitão, R. Leite, D. Henriques, Org.). Lucerna.

ANDALUZ, L. (s.d.). Discurso às alunas do Colégio e da Creche: “há alguns anos...” (não publicado). Arquivo Histórico da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, F/Fundadora SC: D - ACÇÃO PESSOAL – FORMATIVA, SR: 08 – Discursos; SSR: 03 - Colégio e Creche (19--); Cx. 9; Mç. 631. PT-CSNSF/LA/D/08/03/9/631.

Bosi, E. (1990). Memória e sociedade. Companhia das Letras, São Paulo.

Buckingham, D. (2003), Media Education: Literacy, Learning and Contemporary Culture, Cambridge, Polity Press.

Delgado, L. de A. N. (2006). História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, p.135.

Geertz, C. (2014). O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 77-97.

Nash, D. (1981). Tourism as an Anthropological Subject. Current Anthropology. v. 22, n.5, p. 461-481.

Nora, P. (1993). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire, 7 vols, Paris: Gallimard.

Portelli, A. (1996). A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72.

Siemens, G. (2005). Connectivism: A learning theory for the digital age. International Journal of Instructional Technology & DistanceLearning, 2.

Stronza. A. (2001). Anthropology of Tourism: Forging New Ground for Ecotourism and Other Alternatives. Annual Review of Anthropology. v.30, p. 261-283.

Referências a Conteúdos Web

Servas de Nossa Senhora de Fátima
https://www.servasnsfatima.org/

Luiza Andaluz Centro de Conhecimento
https://lacc.pt/

Luiza Andaluz e as Servas de Nossa Senhora de Fátima
https://www.youtube.com/watch?v=TySVMSZYXsA

Identidade do Projeto Luiza Andaluz Centro de Conhecimento
https://www.youtube.com/watch?v=3LfLUEzOA1g